

A CASA BAJEENSE

UM CAMINHO PELA HISTÓRIA DA ARQUITETURA

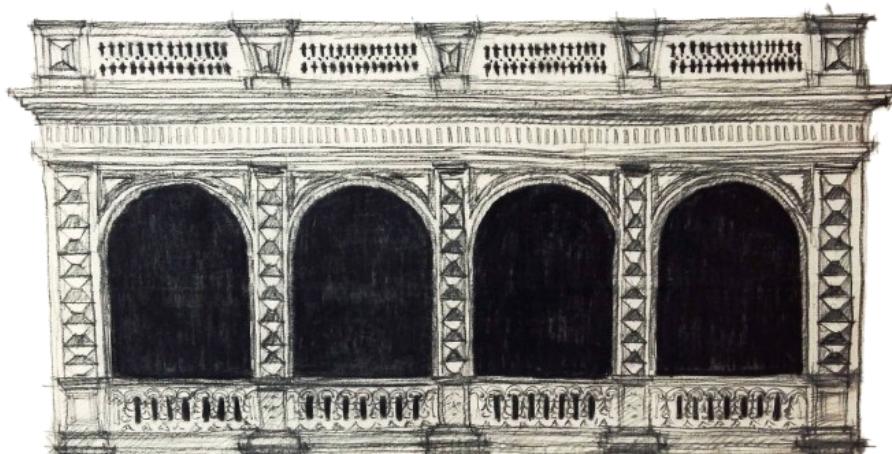
Magali Nocchi Collares Gonçalves
Maria de Fátima Schmidt Barbosa
Luiz Miguel Saes Moraes

"Esta edição convida o leitor a percorrer as ruas de Bagé com novos olhos, revelando a beleza e a importância das casas que contam a história da cidade. Com sensibilidade e rigor, a obra valoriza o patrimônio arquitetônico local e propõe uma reflexão sobre identidade, memória e preservação. Mais que um registro, é um recurso didático que estimula a educação patrimonial, revelando o papel fundamental dos Arquitetos e Urbanistas responsáveis pelas obras e despertando o interesse pelas nossas raízes culturais. A *Casa Bajeense* é um elo entre passado e presente, chamando a comunidade a reconhecer e proteger seus tesouros arquitetônicos".

Elizabeth Macedo de Fagundes

Médica e pesquisadora. Membro do Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda





A CASA BAJEENSE: UM CAMINHO PELA HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Magali Nocchi Collares Gonçalves
Maria de Fátima Schmidt Barbosa
Luiz Miguel Saes Moraes



Editora do Centro Universitário da Região da Campanha
Av. Tupy Silveira, 2099 CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil
Telefone: (53) 3242-8244
E-mail: ediurcamp@urcamp.edu.br
Site: www.urcamp.edu.br

FAT - Fundação Átila Taborda

Presidente:

Mônica L. Palomino de los Santos

URCAMP – Centro Universitário da Região da Campanha

Reitor:

Guilherme Cassão Marques Bragança

Pró-Reitor de Inovação, Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Guilherme Araújo Collares da Silva

Pró-Reitor de Ensino

Rafael Bueno da Rosa Moreira

Pró-Reitora Adjunta de Ensino

Marília Pereira de A. Barbosa

Editor(a) chefe: Ana Cláudia Kalil Huber

Assessora Técnica: Maritza Silveira Martins

CONSELHO EDITORIAL

Ana Cláudia Kalil Huber, Dra. URCAMP

Ana Zilda Ceolin Colpo, Dra. URCAMP

Guilherme Cassão M. Bragança, Dr. URCAMP

Henry Gomes de Carvalho, Me. URCAMP

Marília Pereira de A. Barbosa, Me URCAMP

Mônica L. Palomino de los Santos, Dra. URCAMP

Sandro Moreira Tuerlinckx, Dr. URCAMP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635a Gonçalves, Magali Nocchi Collares

A casa bajeense: um caminho pela história da arquitetura. / Magali Nocchi

Collares Gonçalves, Maria de Fátima Schmidt Barbosa e Luiz Miguel Saes

Moraes. - Bagé: Ediurcamp, 2025.

84p.

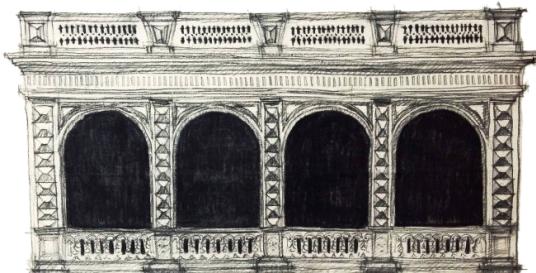
ISBN: 978-65-86471-50-2

1. Arquitetura - Bagé. 2. História - Arquitetura. I. Barbosa, Maria de Fátima Schmidt. II. Moraes, Luiz Miguel Saes. III. Título.

CDD: 700

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / Urcamp

Bibliotecária Responsável: Maritza Silveira Martins CRB10/1741



A CASA BAJEENSE:

UM CAMINHO PELA HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Coordenação: Magali Nocchi Collares Gonçalves

Pesquisa e texto

Magali Nocchi Collares Gonçalves
Maria de Fátima Schimidt Barbosa
Luiz Miguel Saes Moraes

Desenhos Técnicos

Fernanda Vieira Barasuol
Sandro Martinez Conceição
Luiza Cabrera Moreira
Luiz Miguel Saes Moraes

Fotografia

Luísa V. Alves de Mello

Desenho da Capa

Francisco Lucas (2016)

Diagramação

Luísa V. Alves de Mello
Luiz Miguel Saes Moraes

Imagens históricas

Museu Dom Diogo de Souza
Arquivo Público Municipal

Agradecimentos

Ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul – CAU/RS, cujo patrocínio viabilizou a realização deste livro.

Ao apoio institucional da Consultoria Júnior – Urcamp.

Aos proprietários das casas apresentadas neste livro: Sérgio Gonzaga, Susana, Cláudia e Mário Guidoux (Casa Albert Guidoux), Maria Azambuja Rodrigues e irmãos (Casa Contreiras Rodrigues), Maria Luiza Teixeira da Luz e Sapiran Coutinho de Brito (Casa Luiz Mércio Teixeira), Lidiomar e Mariana Rodrigues de Freitas (Casa José Octávio Gonçalves), José Walter Maciel (Casa Nepomuceno Saraiva), Maria José Assumpção Gaffrée, Roberto e Márcia Gaffrée (Casa Domingos Gomes), Manuel Luís e Maria de Lourdes Sarmento (Casa Manoel Alves Sarmento) e Gilberto e Keila de Freitas (Casa José Carrion Moglia).

Ao secretário municipal de cultura de Bagé, Zeca Brito, e sua assessora, Natália Centeno, por abrir as portas do Palacete Pedro Osório.

À Helena Ollé, Elizabeth Macedo de Fagundes, Dora Zuleika Deamici, Ney Muniz, Vera de Macedo, Vânia Moglia, Martha Loureiro de Souza, Nilo Rossell Romero, Heloísa Beckman, Cláudio de Leão Lemieszek, Adilar e Mara Denise Breanzini, Fernanda Krause e Ângela Cunha, pelo apoio e informações.

Ao Arquivo Público Municipal e Museu Dom Diogo de Souza, pela disponibilização de seus acervos.

Os autores

SUMÁRIO

Apresentação—CAU/RS.....	6
Consultoria Jr. Urcamp.....	7
Aos casarões de Bagé.....	8
Aos autores.....	9
Introdução.....	10
I. Notas sobre a história de Bagé.....	13
II. O traçado urbano.....	21
III. A Arquitetura bajeense.....	25
IV. Os profissionais.....	31
V. A Casa Bajeense.....	39
1 Casa Albert Guidoux.....	42
2 Casa Contreiras Rodrigues.....	46
3 Casa Luiz Mércio Teixeira.....	50
4 Palacete Pedro Osório.....	54
5 Casa José Octávio Gonçalves.....	58
6 Casa Nepomuceno Saraiva.....	62
7 Casa Domingos Gomes.....	66
8 Casa Manoel Alves Sarmento.....	70
9 Casa José Carrion Moglia.....	74
Considerações Finais.....	78
Glossário.....	80
Referências.....	83
Os autores.....	84

Apresentação

A Importância do Projeto "A Casa Bajeense" para a Arquitetura e Urbanismo

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS) reconhece na iniciativa "A Casa Bajeense: Um Caminho pela História da Arquitetura" uma oportunidade fundamental para fortalecer a presença da Arquitetura e Urbanismo na sociedade bajeense. Este projeto representa um marco na valorização do patrimônio histórico local e na conscientização sobre o papel essencial dos profissionais Arquitetos e Urbanistas na preservação da memória coletiva.

A cidade de Bagé possui um significativo patrimônio, reconhecido em nível estadual através do tombamento de seu Centro Histórico pelo IPHAE/RS. Este livro configura-se como uma ferramenta educativa e acessível para conhecer um aspecto deste patrimônio, despertando o olhar crítico sobre os espaços que habitamos e sua história.

Relevância para a Profissão

A educação patrimonial desenvolvida por meio deste livro cumpre papel estratégico na valorização da categoria profissional, demonstrando à sociedade a importância técnica e social do trabalho do Arquiteto e Urbanista. Ao documentar e explicar a evolução arquitetônica das residências históricas de Bagé, o projeto evidencia como o conhecimento especializado destes profissionais é indispensável para a correta interpretação, preservação e intervenção no patrimônio edificado.

Impacto Social e Cultural

Para a sociedade bajeense, esta iniciativa representa um instrumento de "alfabetização cultural" que permite aos cidadãos compreenderem melhor o universo sociocultural em que estão inseridos. A preservação do patrimônio arquitetônico é crucial para a manutenção da identidade e memória da comunidade, especialmente em locais históricos como . O projeto fortalece o senso de pertencimento e a responsabilidade coletiva na proteção dos bens culturais.

Contribuição para o Desenvolvimento Local

Ao promover o conhecimento sobre o patrimônio arquitetônico local, o projeto contribui para políticas públicas mais eficazes de preservação e para o desenvolvimento do turismo cultural. A conscientização gerada pelo livro pode resultar em maior valorização dos imóveis históricos e no surgimento de oportunidades profissionais para Arquitetos e Urbanistas especializados em patrimônio.

O CAU/RS considera esta iniciativa um exemplo de como a educação patrimonial pode ser um mecanismo efetivo para sensibilizar a sociedade sobre a relevância da preservação cultural, ao mesmo tempo em que destaca a competência técnica e a responsabilidade social dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo.

Andréa Hamilton Ilha

Presidente do CAU/RS

Consultoria Júnior—Urcamp

A Inov@ - Consultoria Júnior da Urcamp, celebra a participação neste importante projeto que culmina em "A Casa Bajeense: um caminho pela história da arquitetura". Ter apresentado esta iniciativa ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul representa um capítulo importante em nossa trajetória e reafirma o nosso compromisso em promover ações transformadoras em nossa comunidade acadêmica e regional.

Fundada em 2004, a Inov@ atua com caráter multidisciplinar, reunindo estudantes dos diversos cursos da Urcamp e promovendo, sob supervisão docente, experiências práticas que aproximam o universo acadêmico e o mercado de trabalho.

Esta obra é exemplo claro do que a integração entre ensino, prática e propósito pode alcançar. Para nós, é motivo de orgulho poder apoiar e impulsionar um projeto que preserva a memória, valoriza o patrimônio e contribui para o desenvolvimento cultural e urbano de nossa cidade.

A Inov@ reafirma, com este projeto, seu papel como ponte entre o conhecimento acadêmico e a transformação social. A todos os envolvidos, nossa admiração e agradecimento por permitir que fizessemos parte deste capítulo tão significativo.

Sabrina Wall Braun
Presidente

Rita Luciana Jorge
Coordenadora

Aos casarões de Bagé

A morada é do proprietário, sua beleza é coletiva, nos avisa o pensador francês Victor Hugo. E nós te avisamos: a suntuosidade dos frontões, a graça harmoniosa dos detalhes, recortes e adornos desses casarões de Bagé, são teus! Eles marcam o cenário cotidiano, onde teus passos e teu olhar caminham. Fazem parte da história e de tua história e explicam, com seus mantos de pedra e cal, como Bagé se faz Rainha todos os dias. Preservar esses silenciosos e belos casarões é preservar nossa identidade de habitante da beleza arquitetônica incomum de nossa Bagé. Nela, está plantado o sonho do antigo e renomado arquiteto e o fazer de uma mão operária que não vem mais, nunca mais.

Bagé, essa cidade longínqua do beiral do continente, compõe sua singularidade costurando as contidas casinhas castelhanas com a majestade de seus casarões. O visitante vem aqui beber dessa composição em seu esplendor e contá-la ao mundo. É a cidade mais bela do Rio Grande do Sul e, hoje, oficial e historicamente reconhecida como um tesouro do patrimônio arquitetônico do Brasil. Seus casarões estão integrados à paisagem num diálogo macio e acolhedor, seus emblemáticos e líricos horizontes, na mais perfeita volumetria. São o mais convincente e plástico discurso de preservação diante do século. Dispensam palavras.

O novo pode chegar, mas sem esmagá-los. Eles pedem ao novo a convivência pacífica com essa música de cimento de linguagem histórica, espanhola, portuguesa....

Educar o olhar pra beleza de nosso patrimônio, desvendar sua força para o habitante dessa terra é um ato de amor e um ato essencialmente generoso. As novas gerações também merecem o privilégio de habitar o encantamento desse cenário tão silencioso e sereno em sua dignidade.

Elvira de Macedo Nascimento

Grupo EcoArte

Aos autores

"É com grande satisfação que celebramos o lançamento de *A Casa Bajeense – um caminho pela história da arquitetura*, projeto que une conhecimento acadêmico e valorização de nosso patrimônio cultural. Ver a Urcamp envolvida nessa iniciativa por meio de três importantes braços — a Consultoria Júnior, o curso de Arquitetura e Urbanismo e a Ediurcamp — é motivo de orgulho e reafirma o compromisso da instituição com a formação acadêmica aliada à realidade local.

Destacamos também a relevância do patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, um reconhecimento que evidencia a qualidade de nossa produção acadêmica, fruto do trabalho dedicado de nossos professores, alunos e egressos.

O livro conta com importantes ferramentas de democratização de acesso, através de seu e-book, e acessibilidade, com a versão áudio-book, ambos nos convidando a uma verdadeira caminhada pela história de Bagé, guiando o leitor por nove residências que, mais do que moradias, são marcos da paisagem urbana e da memória coletiva. Preservar esses espaços é preservar nossa identidade.

Parabéns a todos os envolvidos por esse importante registro que reforça o valor do nosso patrimônio histórico e inspira novas gerações a protegê-lo e celebrá-lo".

Guilherme Cassão Marques Bragança

Reitor da Urcamp

"Bagé preserva em seu centro histórico tombado um rico patrimônio arquitetônico que narra, desde 1811, a evolução estética e social da cidade através de estilos que vão do colonial ao protomoderno. Neste cenário, *A Casa Bajeense: Um Caminho pela História da Arquitetura* surge como instrumento fundamental de educação patrimonial, documentando e valorizando esse legado. Ao selecionar nove residências emblemáticas, a obra oferece um panorama arquitetônico completo, analisando desde aspectos formais – como ornamentos e técnicas construtivas – até sua relação com a identidade cultural da cidade.

Essa riqueza histórica, além de seu valor estético, revela as dinâmicas sociais e econômicas que moldaram o desenvolvimento urbano da região. É especialmente significativo ver o Palacete Pedro Osório – sede da Secretaria Municipal de Cultura e detentor de uma arquitetura eclética – retratado nesta obra.

Mais do que um registro histórico, a iniciativa torna-se uma ferramenta de sensibilização para a preservação desse patrimônio, essencial para a memória coletiva e o planejamento urbano futuro. Que este livro inspire todos a valorizar e preservar nossas casas históricas, que guardam a memória e a identidade de Bagé. Nossa patrimônio é a nossa história!"

Zeca Brito

Secretário de Cultura de Bagé

Introdução

Bagé, fundada a partir de um acampamento militar, em 1811, experimenta um apogeu econômico entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX, vivenciando um período de efervescência na arquitetura local, com a presença de engenheiros e arquitetos de abrangência regional, bem como de estrangeiros, com a utilização de materiais igualmente importados que chegavam ao interior com o advento das ferrovias para compor suntuosas residências que simbolizassem a prosperidade de seus proprietários. As casas bajeenses aqui destacadas, assim como um grande contexto de exemplares, são resultado das transformações econômicas e sociais de Bagé e reflexo das mudanças do próprio fazer arquitetônico ao longo do tempo, em suas linguagens, técnicas e materiais.

Desta forma, esta edição propõe um caminho pela história da arquitetura, através de nove casas significativas que contribuem para formar um panorama mais amplo da arquitetura local.

Das nove residências selecionadas, oito são referidas como "casas" e apenas uma é denominada "palacete". Essa distinção não é apenas uma escolha de vocabulário, mas decorre de características arquitetônicas e simbólicas específicas. Conforme aponta Maria Cecília Naclério Homem (2010), o palacete urbano se caracteriza como uma moradia suntuosa, frequentemente isolada em meio a jardins, marcada pelo requinte construtivo e pela escala monumental. Ao contrário das casas, que geralmente ocupam lotes contíguos dentro da malha urbana, o palacete tem implantação destacada, com ênfase nos elementos ornamentais e no protagonismo de espaços de representação social. Além da composição formal mais elaborada, o palacete simboliza uma posição social elevada, funcionando como sinal de prestígio de seus proprietários. Nesse sentido, a designação "palacete" é adotada aqui para ressaltar a singularidade do Palacete Pedro Osório em relação às demais casas do conjunto analisado.

A obra está organizada em cinco tópicos principais, discorridos e enumerados a seguir.

O primeiro, **Notas sobre a história de Bagé**, apresenta um panorama do desenvolvimento da cidade desde sua fundação até meados da década de quarenta, abrangendo o período histórico das casas apresentadas. Ressaltam-se os momentos de maior dinamismo econômico e transformações políticas e sociais que favorecem o surgimento de edificações imponentes e estilos variados

O segundo, **O Traçado Urbano**, aborda como se deu a organização do espaço urbano bajeense ao longo do tempo. A partir do núcleo fundacional e de seu primeiro traçado, passando pela expansão representada pelo segundo traçado, quando é possível perceber como nesse segundo "tabuleiro" se desenvolve o contingente da arquitetura delineado pelo Centro Histórico tombado pelo IPHAE/RS.

No terceiro, **A Arquitetura Bajeense**, o leitor é convidado a explorar a diversidade de linguagens das construções. Bagé torna-se aqui uma verdadeira linha do tempo da História da Arquitetura, refletindo tendências globais adaptadas ao contexto regional.

O quarto, **Os Profissionais**, apresenta os profissionais que deixaram através de suas arquiteturas, sua marca na paisagem urbana da cidade, permitindo conhecer não apenas as obras, mas também os perfis desses profissionais que moldaram, com sua visão e técnica, o cenário arquitetônico bajeense.

O quinto, **A Casa Bajeense**, apresenta um mapa com a localização das nove casas escolhidas, representativas do patrimônio residencial da cidade. Dispostas em ordem cronológica de construção, cada uma traz as seguintes informações: nome pelo qual a residência é conhecida (preferencialmente o nome do primeiro proprietário), data de construção, nome do arquiteto ou engenheiro (quando identificado), nome do primeiro proprietário e atual proprietário. Segue-se com um histórico da residência — desde sua construção até os dias atuais —, perfil do(s) proprietário(s) vinculado(s) à casa na memória coletiva, imagens internas e

externas, análise arquitetônica da residência, desenhos de plantas baixas e fachadas

Para ampliar a compreensão do público leigo e facilitar o acesso ao conteúdo técnico, o livro conta com um Glossário de termos arquitetônicos, reunindo definições claras e objetivas dos principais termos utilizados na obra. Ao final do livro, uma página com recurso em QR Code possibilita o acesso às maquetes digitais 3D do exterior das residências.

A edição tem o patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul – CAU/RS e o apoio da Consultoria Júnior – URCAMP, disponível nas versões e-book e áudio-book.

Esperamos que *A Casa Bajeense* seja mais do que uma compilação de dados ou um catálogo de casas antigas, e sim uma ferramenta de educação patrimonial, um convite à valorização do nosso legado arquitetônico traduzido em fachadas, desenhos e plantas que revelam nossa identidade e nossas formas de habitar no tempo.

Os autores

Revista Militar na praça da Matriz.
Bagé (Brazil)



I. Notas sobre a história de Bagé



1) Mapa do RS com a localização das Missões Jesuíticas e a estância de Santa Tecla; 2) Mapa do RS, com a divisão do Tratado de Madrid e linhas da fronteira atual. GONÇALVES, 2006.

O município de Bagé está localizado na região da Campanha Gaúcha, fronteira com o Uruguai. Segundo estimativas do IBGE, sua população gira em torno de 120 mil habitantes. O surgimento do município remonta o processo de demarcação e ocupação das fronteiras portuguesas e espanholas no sul da América do Sul, palco de disputas, guerras e tradições que ecoam até os dias de hoje.

A colonização portuguesa no Brasil, iniciada em 1500, levou cerca de 100 anos até rumar para o sul. Pode-se dizer que a primeira incursão europeia no território do Rio Grande do Sul ocorreu em 1605, através de jesuítas portugueses que buscavam estabelecer reduções e catequizar os povos originários. Do lado espanhol, um grupo de padres paraguaios chegou ao Rio Grande por volta de 1626, originando missões religiosas.

O primeiro contato do território de Bagé com os europeus aconteceu em finais do século XVII, aproximadamente em 1690, quando os jesuítas de São Miguel, um dos Sete Povos das Missões, avançaram para sul e criaram a Redução de Santo André dos Guenoas. Nos primeiros anos, as missões dividiam o trabalho agropastoril em diversas estâncias, ficando às voltas de Bagé a chamada Estância de Santa Tecla, que mais tarde daria nome a um Forte militar importante para a história da região (GONÇALVES, 2006).

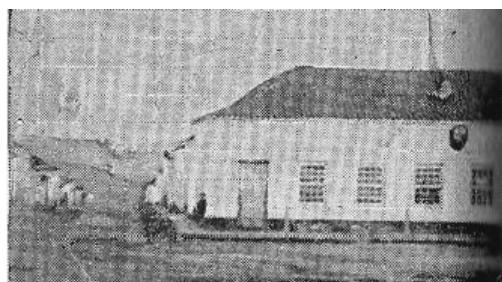
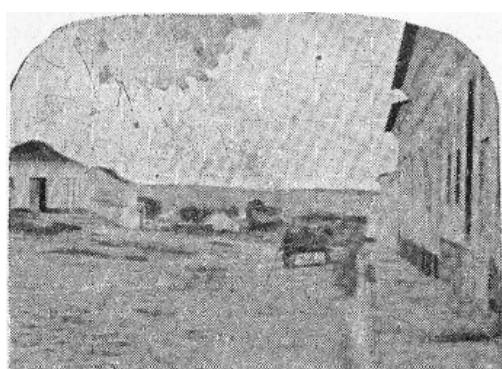
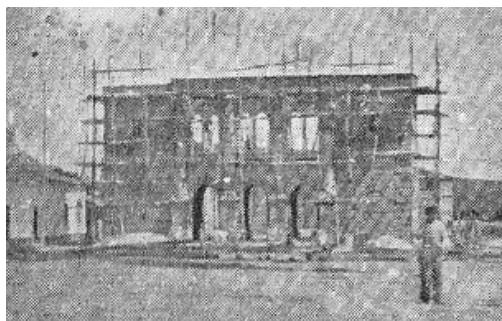
As Coroas Portuguesa e Espanhola estiveram em constante tensão pela demarcação das fronteiras e conquistas de novos territórios, em ofensivas militares e tratados diplomáticos como o de Tordesilhas (1494), Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777) que moldaram a região de Bagé. Os povos originários da região, contrariados com a demarcação de fronteira do Tratado de Madrid, entrarem em conflito com os colonizadores, dando início às chamadas Guerras Guaraníticas. Até 1773, os espanhóis continuavam numa ofensiva para expulsar os portugueses da região: no local da antiga estância de Santa Tecla, construíram um Forte com o mesmo nome. Com a retirada espanhola, em 1776, o governo português exigiu que o Forte fosse destruído. Ainda assim, os espanhóis retornaram e o reconstruíram, até que, em 1801, foram expulsos definitivamente. No mesmo ano, com a distribuição de sesmarias para soldados que participaram da conquista do Forte de Santa Tecla, tem início uma povoação, na Coxilha de São Sebastião, com o aproveitamento de uma pequena capela e a construção de ranchos (SALIS, 1955).

Em 1810, durante o processo de independência das colônias espanholas, Dom João VI ordenou uma expedição militar ao Uruguai, com destino a Montevidéu. À frente da missão estava o então governador do Rio Grande do Sul, Dom Diogo de Souza, que organizou o exército em três colunas. Uma delas, sob o comando de Manoel Marques de Souza, instalou provisoriamente seu acampamento nas proximidades do atual território de Bagé, dando origem ao surgimento do povoado, em 1811.

As tensões na fronteira ganharam força a partir de 1825, com a Guerra Cisplatina, uma reação contra a incorporação da Banda Oriental (então chamado Província Cisplatina) ao território brasileiro, ocorrida em 1821. Tropas orientais comandadas por Juán Antonio Lavalleja, e platinas, sob o comando de Carlos Alvear, convergiram para o Rio Grande do Sul no início de 1827, ficando por uma semana no povoado de Bagé, ocasionando desordem e desolação à população, principalmente de mulheres e crianças, como também a depredação do seu patrimônio. O conflito chegou ao fim em 1828, desvinculando Cisplatina do Brasil e criando assim a República Oriental do Uruguai.

A partir de 1835, o território do Rio Grande do Sul foi palco da chamada Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, outro capítulo de guerras na história da região, que surgiu como um descontentamento de algumas camadas da sociedade gaúcha com o governo central do Império do Brasil e culminou em uma campanha separatista com a proclamação da República Rio-grandense, em 1836. O conflito foi pacificado em 1845 através do Tratado de Ponche Verde, comemorado em Bagé com a presença do Duque de Caxias, oficiais do seu exército e chefes revolucionários. Na oportunidade, Caxias recebeu homenagens e uma faixa de seda verde, como gratidão pela conquista da paz (TABORDA, 1975). O duque entregou à faixa à capela, que foi entregue, em 1965, ao Museu Dom Diogo de Souza (LOPES, 2007).

Em 1846, Bagé foi elevada à freguesia e, no mesmo ano, a vila, alcançando maior autonomia administrativa e permissão para instalar a sua Câmara Municipal. (LEMIESZEK; GARCIA, 2020). Elevada finalmente a cidade em 1859, durante os anos de 1860, novamente Bagé se agitou às voltas de uma luta armada, com a Guerra do Paraguai e um intenso movimento das forças voluntárias e do Império, com muitos bajeenses nestes contingentes.



1) Construção da Igreja Matriz de São Sebastião; 2) Aspecto da Avenida 7 de setembro e 3) Sede da Câmara Municipal, por volta de 1860. SALIS, 1955.



1) Arredores da atual Praça da Estação; 2) Vista da Praça da Igreja Matriz; 3) Rua Flores da Cunha, então 3 de Fevereiro. Princípio do século XX.

Após períodos intensos de guerras e consolidação como município, Bagé experimentou, nas últimas décadas do século XIX e princípio do século XX, um período de notável desenvolvimento econômico provocado pela pecuária - que conheceu o auge com as charqueadas - e o comércio local.

Desde meados de 1860, a cidade já apontava sinais de progresso, como o surgimento da imprensa local, com o primeiro jornal a circular em Bagé (1861), a construção da nova Igreja Matriz e primeira fase do Mercado Público (1862), o surgimento das Sociedades étnicas que congregavam os imigrantes, como as Sociedades Espanhola (1868), Portuguesa (1870) e Italiana (1871), a inauguração do primeiro hospital local (1870) e o surgimento de casas comerciais e indústrias, como o "Moinho Bajeense".

Em 1883, foi fundada a Santa Casa de Caridade e no ano seguinte a Câmara Municipal aprovou a abolição da escravatura em Bagé, antecipando-se à Lei Áurea de 1888. No mesmo ano, em dezembro, a inauguração da Linha Férrea, trecho Bagé-Pelotas-Rio Grande, possibilitou grande desenvolvimento para a região. A década encerrou, a nível nacional, com a queda do regime monárquico e a instauração da república, em 1889.

Com a queda do Império, as novas leis republicanas modificaram a administração dos municípios, até então dirigidos pelas câmaras municipais. Surgia a figura do intendente. O primeiro intendente de Bagé foi o Coronel Antônio Xavier de Azambuja, que tomou posse em 1893. No mesmo ano, a cidade e o Estado foram palco de outra guerra, a Revolução Federalista, luta armada entre castilhistas e federalistas. Bagé foi afetada e entrou para a história pelo notável "Cerco de Bagé", ocorrido entre 24 de novembro de 1893 e 8 de janeiro de 1894. Durante 47 dias, os republicanos resistiram ao cerco dos federalistas, sitiados em trincheiras na Praça da Igreja Matriz (TABORDA, 1975).

Em 1897, Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, mais tarde feito visconde pelo rei de Portugal, inaugurou a Charqueada de Santa Thereza, empreendimento importante para o município que contava com casas para os funcionários, capela, teatro, escola e outras melhorias. No mesmo ano, ocorreu a primeira exibição cinematográfica em Bagé. Em 1899, a cidade passa a contar com a luz elétrica.

O apagar das luzes do século XIX é marcado pela inauguração da Intendência Municipal (1900), projeto do arquiteto italiano Domingos Rocco. Neste ano, Bagé contava com cerca de 30.000 habitantes.

A primeira década do século XX foi marcada pelo segundo governo do intendente José Octávio Gonçalves, no cargo desde 1897. No período, destaca-se a chegada do telefone (1901) e melhorias de ordem educacional, com a fundação do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora (1904) e o Colégio Franciscano Espírito Santo (1905). Depois de uma breve pausa na política, José Octávio foi reeleito em 1909 e cumpriu seu mandato até seu falecimento, em 1913, ano em que foi inaugurada a Hidráulica Municipal, grande realização de seu governo, provendo Bagé de água encanada (FAGUNDES, 2012).

A 1ª Guerra Mundial (1914-1918) não causou retrocessos diretos e visíveis em Bagé, já que se evidenciava um período de grandes avanços econômicos na cidade. A paralisação da importação dos produtos estrangeiros intensificou a produção na indústria, principalmente a produção das charqueadas e das atividades pecuária e agropastoril.

Em 20 anos, a população local aumentou significativamente, passando de aproximadamente 30.000 em 1900, para 45.000 habitantes em 1920. Nesta década, a cidade é bastante próspera, como descreve Alfredo R. da Costa no "O Rio Grande do Sul" em seu importante estudo sobre o Estado:

"O município conta com cinco estabelecimentos saladeiros; uma fábrica de línguas; uma de corned-beef; dois curtumes; três fábricas de sabão e velas; duas de massas alimentícias; quatro caleiras; uma fábrica de fumo; uma de carrapaticida; fábrica de telhas francesas, mosaicos diversos; granjas, onde se fabricam queijo e manteiga; três fábricas de carros; duas de tamancos; uma de malas; duas de chinelos; cinco serrarias; três olarias; uma fábrica de gelo. Conta com filiais e agências do Banco da Província, Pelotense, Nacional do Comércio e do Brasil" (COSTA, 1922, p. 495).

Em meados de 1922, surgiu o descontentamento com a reeleição do então presidente da província, Borges de Medeiros, reeleito para o quinto mandato, vencendo Assis Brasil. Eclodiu assim a Revolução de 1923, que



1) Usina Elétrica, inaugurada em 1899; 2) Theatro 28 de Setembro; 3) Avenida 7 de Setembro e seus casarões "em fita".



1) Prédio da Sociedade Portuguesa de Beneficência; Arredores da atual Praça da Estação; 2) Avenida Sete de Setembro. Em primeiro plano, Casa Ipiranga e Instituto Municipal de Belas Artes; 3) Desfile cívico na Avenida 7 de Setembro. Primeira metade do século XX.

logrou a modificação da Constituição Estadual de 1891, vedando a reeleição para presidente da província. Bagé foi palco de diversos acontecimentos da Revolução, dentre os quais o mais importante foi uma reunião, em novembro de 1923, entre o Marechal Setembrino de Carvalho (enviado pelo presidente da república para as negociações de paz) e Assis Brasil. A reunião ocorreu no Palacete Pedro Osório e foi a única a contar com todos os líderes revolucionários (LEMIESZEK, 2005).

Os bajeenses, aparentemente, não sofrem reflexos econômicos negativos pós-revolução. Continuam, na década de 20, grandes esforços dos governantes, visando melhorias em medidas de saneamento, embelezamento e infraestrutura da cidade, o que representa envolvimento de profissionais de nível superior, de engenharia, agrimensura, hidráulica e eletro-técnica, bem como a possibilidade de emprego para um número elevado de trabalhadores na área da construção.

O governo do intendente Carlos Mangabeira (1925-1929), demonstrou preocupação com o setor imobiliário em uma cidade economicamente próspera, introduzindo incentivos fiscais a construções de sobrados e isenções para edificações de grupos de 10 casas para aluguel. Igualmente, anunciou a construção de prédios para agências bancárias, com o aporte de firmas construtoras de abrangência regional na cidade. No final da década de 20 com a população de 52.101 habitantes, e num total de 3.808 imóveis, verifica-se o crescimento na área da construção civil.

A década de 1930 foi marcada por profundas transformações sociais e políticas, tanto no cenário internacional quanto no contexto brasileiro. A crise econômica mundial, desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, teve efeitos devastadores em diversas economias, incluindo a do Brasil. Internamente, o país enfrentava uma intensa instabilidade política provocada pela chamada “Revolução de 30” e, em Bagé, a economia local sentia o declínio da indústria do charque. Esse contexto criou um ambiente de incertezas que afetou a construção civil. O número de novas obras diminuiu, mas continuaram frequentes os pedidos de reformas e alterações em edificações existentes, especialmente nas fachadas.

Apesar das dificuldades, Bagé seguia como uma cidade de relevância regional. No final da década, o município já demonstrava sinais de recuperação e desenvolvimento, com uma elite econômica e cultural receptiva às mudanças. O poder público e os setores mais influentes da sociedade passaram a investir em novas propostas arquitetônicas, contratando inclusive construtoras vindas de centros maiores, como Porto Alegre. Assim, consolidou-se como um período de transição, em que os reflexos das crises econômica e política impulsionaram, paradoxalmente, uma abertura às ideias de modernização e inovação.



1) Vista aérea do centro de Bagé. Em destaque, o antigo Mercado Público; 2) Praça Silveira Martins e Banco Nacional do Commercio; 3) Antigo Hotel do Commercio, na Avenida 7 de Setembro.

PLANTA DO MUNICIPIO

DE

BAGÉ

AREA KILOMETROS² 6.084,68

LEGOAS® 153 L



PLANTA

DA

CIDADE

DE BAGÉ

Escala -1 : 60000

10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

Escala - 1:7000

www.browntrout.com

XARQUEADA

SÃO MARTIM

dos

FINNOS

SAO
DOMINGOS

PIRAYSINHO



II. O traçado urbano

Conforme nosso historiador “maior”, Tarcísio Antônio Costa Taborda, Bagé surge de um acampamento no qual o sítio escolhido, principalmente por uma questão de defesa, foi fator preponderante na escolha de Dom Diogo de Souza.



1) Primeiro traçado de Bagé, com a então capela de São Sebastião ao centro; 2) Segundo traçado, com demarcação da área de expansão, ao norte. GONÇALVES, 2006.

“Nascendo, pois, junto ao Passo do Príncipe, o Acampamento de Bagé se espalhava, até chegar no lugar alto que era a atual Praça da Matriz, e que foi rebaixada em 1850 e depois nivelada em 1884. Nesse ponto mais alto ficava o grande rancho que foi morada do chefe da artilharia do Exército Pacificador, o Coronel Alexandre Eloy Portelli, e que depois se utilizou para o oratório de São Sebastião. Lugar onde havia água abundante, lenha bastante para os fogos dos acampamentos, abrigo dos ventos frios e fácil acesso à Montevidéu. Viu nele, Dom Diogo de Souza, um ponto estratégico que não poderia ser abandonado em definitivo, quando tivesse que prosseguir a jornada” (TABORDA, 1975, p.6).

O mesmo historiador defendia que a parte mais antiga de Bagé é aquela que se aproxima do Passo do Príncipe, onde se observa a existência de prédios que “se espalham pelas quadras mais altas da rua Barão do Triunfo e entram pelas estreitas travessas que chegam à estreita rua 7 de Setembro e Barão do Amazonas”. Segundo ele, em torno de 1830, é que surgiram ruas mais largas e construções mais ao sul da Rua 7, em direção ao cemitério. Segundo Rhoden (1999, p.97), nas “Leyes das Índias” – regulamento utilizado para formação das cidades espanholas na América – estavam contidas diretrizes urbanísticas que iam desde a escolha do sítio mais adequado para a localização da futura cidade, até o traçado urbano e a disposição dos principais edifícios no seu contexto.

No caso de Bagé, não é sabida a origem do traçado, porém verificam-se identidades com as cidades hispano-americanas, como o traçado em xadrez que desenvolveu-se a partir da então Capela de São Sebastião na direção sul e a própria conformação da praça da capela, que reunia as funções de centro religioso e também administrativo, uma vez que o prédio da Câmara Municipal foi edificado à direita do templo católico.

Os anos finais do século XIX e início do século XX marcaram grande progresso para Bagé, com o período das charqueadas, desenvolvimento comercial, ampliação de serviços como hospitais e escolas e outras melhorias. Neste cenário, a ampliação do perímetro urbano foi consequência natural: o núcleo fundacional, na volta da praça da Igreja de São Sebastião, junto com o seu traçado xadrez, serviu de base para o chamado “segundo traçado”, que mantendo a forma xadrez, marcou o alargamento das ruas e ampliação das praças, dando início à área onde até hoje se localiza o centro da cidade. Este momento marcou a expansão da cidade para norte, inclusive com a transferência da sede da Intendência, então localizada na praça da igreja, para outra praça, em 1900.

Conforme as tendências imobiliárias no decorrer dos anos e, considerando os limites físicos, como os arroios, linhas férreas, entre outros, a cidade cresceu em muitas direções, com loteamentos que, ainda que com malhas ortogonais, não apresentam o mesmo rigor dos dois traçados originais. A expansão da cidade, assim, reverencia e destaca o traçado original, que permanece como referência estruturante e simbólica na configuração urbana atual.



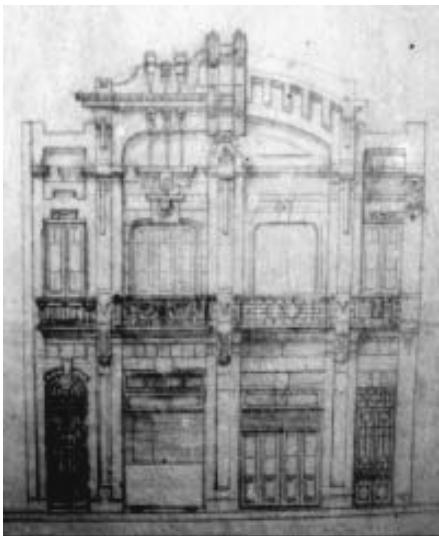
Bagé a. 17 Setembro



1, 2 e 3) Panorama das ruas centrais de Bagé.



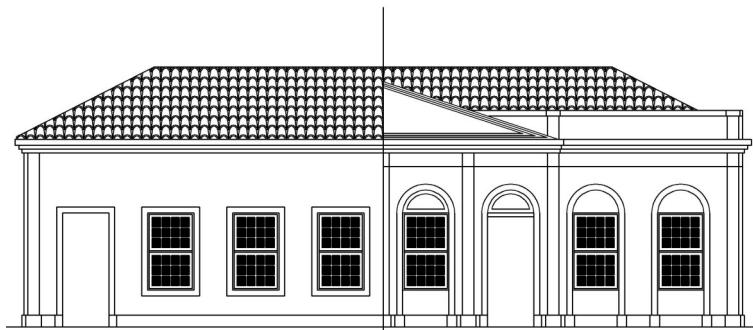
III. A arquitetura bajeense



Estudo de alteração de fachada. Henrique Tobal.
Década de 1920.

A história da arquitetura em Bagé reflete as transformações ocorridas no panorama arquitetônico brasileiro nesse período. À medida que a cidade se desenvolvia e consolidava sua economia e estrutura urbana, novas linguagens arquitetônicas foram se sobrepondo às antigas, deixando marcas visíveis tanto nas fachadas quanto na organização dos espaços internos das edificações. Esse percurso revela o contraste entre os modelos herdados da tradição luso-brasileira e as inovações introduzidas pelos estilos derivados do clássico, entre outros e, posteriormente, por estéticas modernizantes.

As primeiras construções permanentes em Bagé substituíram os ranchos provisórios do acampamento militar inicial e seguiram o modelo da arquitetura colonial portuguesa. Conforme registrado por Tomás Iriarte em 1825, as casas eram simples, mas agradáveis pela ordem e asseio, e estavam dispostas segundo o “*estilo antigo brasileiro*”. Tratava-se de uma arquitetura de matriz luso-brasileira, herdeira do período colonial (1500-1821). As fachadas dessas edificações eram despojadas: telhados em duas águas com telhas capa-canal visíveis, paredes caiadas de branco, ausência de *platibandas*, e ornamentação mímina restrita a *frisos* simples sob o beiral. As esquadrias geralmente eram compostas por janelas em guilhotina, eventualmente acompanhadas por postigos ou bandeiras fixas, e as portas eram lisas, de madeira, sem molduras destacadas. Nas plantas baixas, predominavam soluções retangulares ou quadradas, com poucos compartimentos dispostos em sequência linear. A casa era voltada para a vida cotidiana essencial, sem hierarquia espacial, refletindo uma organização funcional rígida e introvertida.



Reforma de fachada da Câmara Municipal de Bagé. À esquerda, a fachada original, com clara inspiração luso-brasileira. À direita, a adaptação às linguagens classicizantes. Desenho dos autores

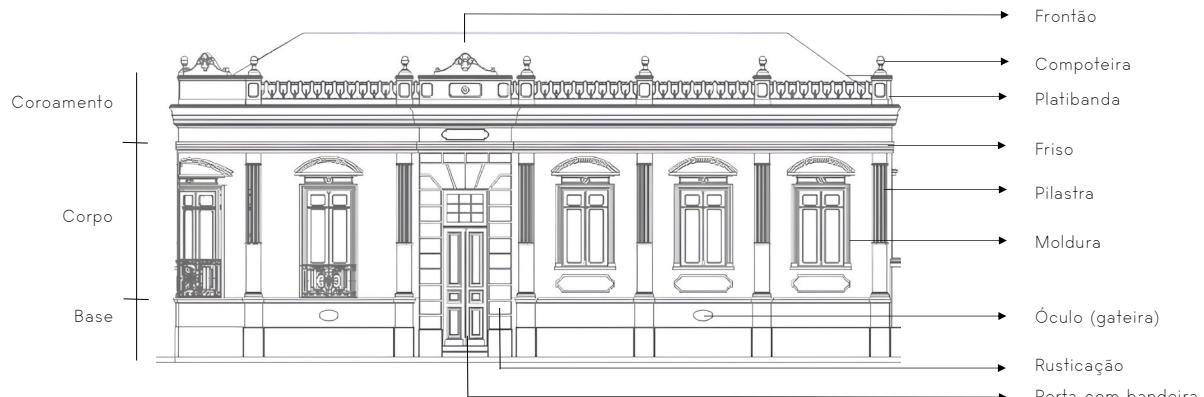
A partir da segunda metade do século XIX, com o crescimento urbano e a elevação de Bagé à categoria de município (1859), a cidade passou a incorporar os repertórios arquitetônicos do neoclassicismo. Inspirado nas formas da Antiguidade greco-romana, o estilo foi difundido no Brasil após a chegada da Missão Artística Francesa (1816) e consolidou-se nas edificações públicas, culturais e religiosas da cidade. Em Bagé, o neoclassicismo é associado à Igreja Matriz de São Sebastião, de 1862 (WEIMER, 1992).

O final do século XIX e o início do século XX marcam o apogeu do *ecletismo historicista* em Bagé, impulsionado pelo surto imobiliário decorrente da chegada da ferrovia (1884) e da presença de imigrantes europeus, como os arquitetos italianos da família Obino e Domingos Rocco. As construções passam a combinar, de forma criativa, referências de diferentes estéticas classicizantes, aplicadas às fachadas.

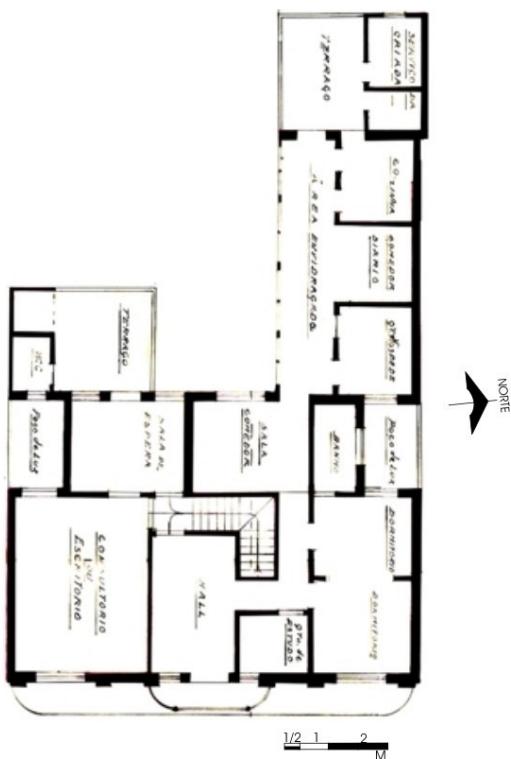
A reforma da fachada da Câmara Municipal é um símbolo da transição da linguagem luso-brasileira para o ecletismo: abandonada a austerdade de uma fachada sem ornamentos, a Câmara ganha *pilastras*, *molduras* nas esquadrias e *platibanda* encobrindo o telhado, outrora aparente.

A estética eclética introduz maior sofisticação e diferenciação interna na composição dos espaços do que a do período colonial. Também caracteriza-se como uma arquitetura de fachadas, apresentando-se como um verdadeiro catálogo de elementos ornamentais.

Abaixo, observa-se um esquema sobre as principais características das fachadas ecléticas:



Fachada da Casa José Octávio Gonçalves, arquiteto Domingos Rocco. Desenho dos autores



Projeto de Lourenço Lahorgue

A fachada eclética é dividida em três partes: *base*, *corpo* e *coroamento*.

Na *base*, é comum a presença de porões altos, que conferem imponência e proteção contra a umidade. Esses porões geralmente são ventilados por óculos (*gateiras*) em ferro fundido, pequenas aberturas decoradas que permitem a circulação de ar.

O *corpo* da fachada, que corresponde à porção funcional do edifício, destaca-se pelo uso de *pilastras* com *capitéis* mistos, em que estilos clássicos se combinam livremente. As portas e janelas são frequentemente emolduradas por *umbrais* e, em alguns casos, apresentam vidros com monogramas dos proprietários dos imóveis, evidenciando o caráter personalizado da obra. Os balcões, seja em alvenaria ou *gradis*, complementam o conjunto.

Por fim, o *coroamento* da fachada é composto por uma sequência de elementos decorativos que encerram a composição superior. São comuns os *frisos* decorados e os *frontões*, que acentuam o ritmo e a monumentalidade da fachada. Acima disso, as *platibandas* trabalhadas, frequentemente adornadas com *compoteiras*, conferem uma espécie de moldura final do edifício diante da paisagem urbana

Os interiores das casas ecléticas frequentemente recebem revestimento em *escaiola*, que simulam acabamento em mármore, azulejos importados e *claraboias* com vitrais.

A partir da década de 1920, o *ecletismo historicista*, da aplicação de adoramentos das ordens clássicas, é sucedido pelo *ecletismo simplificado*, no uso de elementos geométricos nas fachadas, motivado tanto por questões econômicas quanto por transformações culturais e técnicas, como do avanço do concreto armado e das dificuldades de importação de matérias da Europa, após a Primeira Guerra Mundial, que levaram à produção local de ornamentos, com destaque para os relevos geométricos, florais ou estilizados, executados por artistas e gesseiros regionais.

Nas fachadas, observa-se a redução dos excessos decorativos: a ornamentação figurativa cede espaço a elementos geométricos (frisos retos, reentrâncias, platibandas planas), com influência do *Art Déco*. A simetria clássica começa a dar lugar a composições mais livres, como sacadas lançadas de forma assimétrica nas composições, portas descentralizadas, quinas curvas e recuos frontais.

Nas plantas baixas dos exemplares, verifica-se uma tendência à racionalização dos espaços. Surgem tipologias com varandas e alpendres

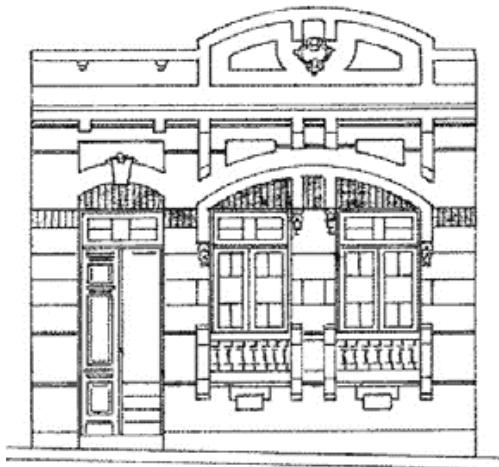
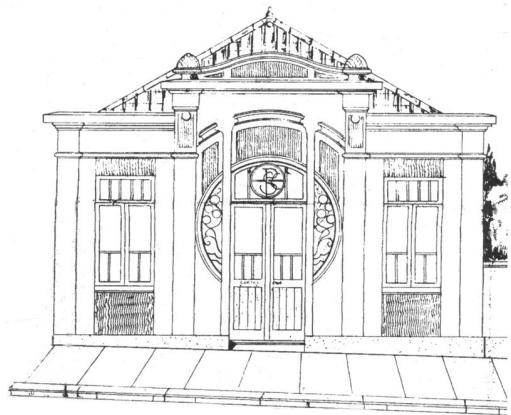
frontais ou laterais , e ambientes que passam a se comunicar com maior fluidez. A integração entre áreas social e íntima, a incorporação de garagens no lugar dos porões e o uso de materiais modernos, como revestimentos em cimento penteado (paredes) e granilite (pisos), apontam para uma arquitetura voltada à funcionalidade e ao conforto cotidiano.

O arquiteto espanhol Henrique Tobal é representativo dessa transição. Seus projetos dos anos 1930 mostram a mudança do ecletismo tradicional para uma linguagem mais próxima da estética moderna, com fachadas simplificadas e organização interna mais racional.

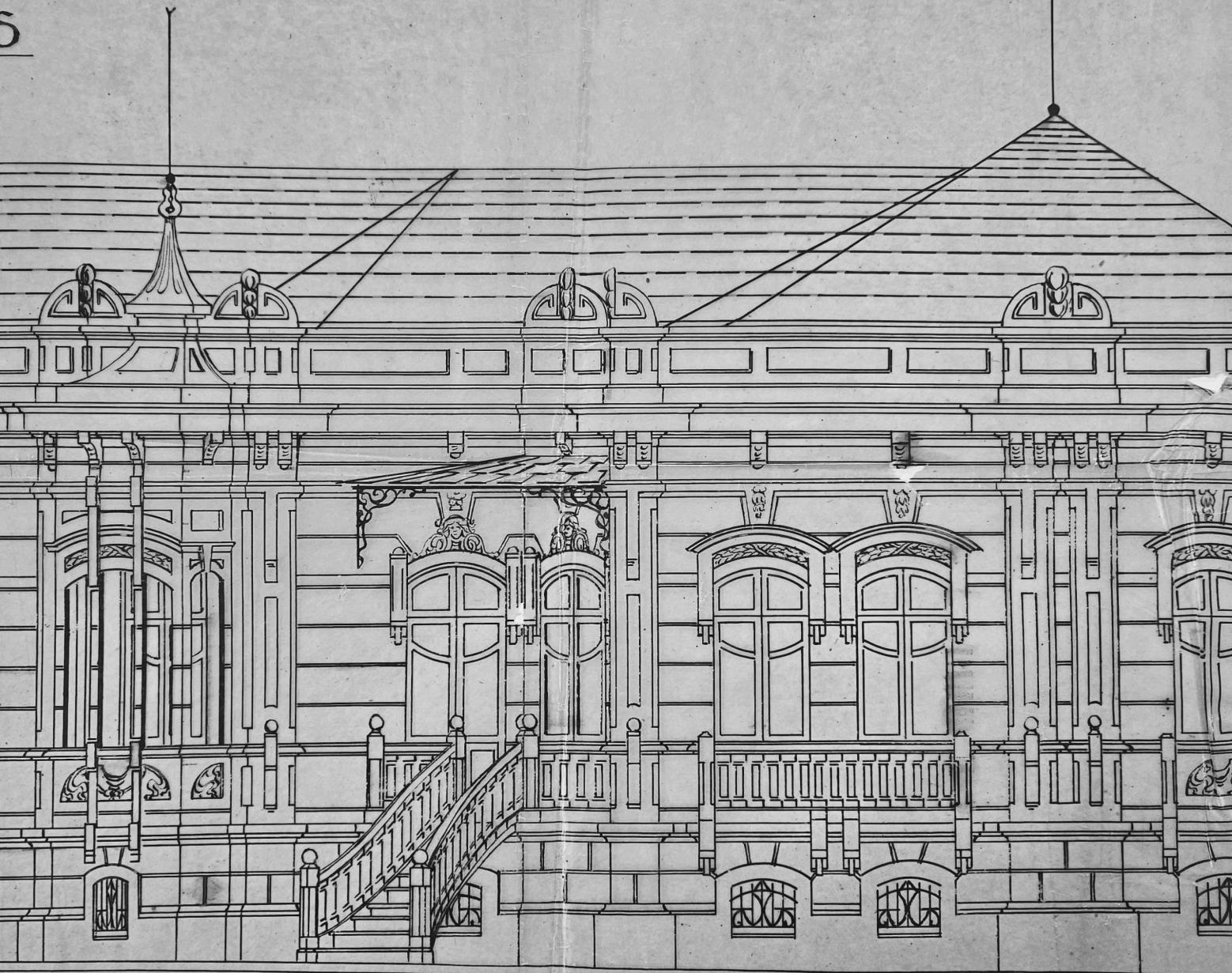
A Casa Manoel Alves Sarmento, de 1936, atribuída a Franz Filsinger, vinculado à empresa Aydos & Cia de Porto Alegre, representa um marco importante na arquitetura de Bagé, assim como destaca-se por sua proposta avançada para a época, com influências do Art Déco e um resultado formal alinhado à modernidade. Essa realização indica uma abertura local às novas linguagens arquitetônicas em voga nos grandes centros urbanos. Já na década de 1940, o engenheiro Carlos Moreira, autor do projeto da Associação Rural de Bagé, também projeta a Casa José Carrión Moglia, em um *reviva*/do neogótico, utilizando como referência exemplares implantados na capital, com a mesma estética (GONÇALVES, 2006) .

Esses episódios demonstram a sintonia da arquitetura bajeense com as tendências estéticas da capital do estado.

Pode-se dizer que entre a fundação da cidade e meados da década de 1940, a arquitetura de Bagé percorreu um caminho que vai da austeridade da tradição luso-brasileira à expressividade do *ecletismo historicista e simplificado*, culminando em uma linguagem mais contida e funcional, já alinhada às premissas do modernismo. As fachadas, nesse percurso, transformaram-se de planos discretos e brancos em palcos de ornamentação exuberante e, por fim, em composições geométricas e depuradas. As estruturas compostivas expostas nas plantas baixas, antes lineares e repetitivas, tornaram-se racionais, hierarquizadas e, mais tarde, integradas, refletindo os valores de cada época e suas visões de mundo. Bagé, uma cidade que contempla uma trajetória cultural e econômica alinhada aos avanços observados na capital, oferece um campo de estudo significativo para a observação, em escala urbana, do diálogo entre tradição e inovação na arquitetura verificadas temporalmente.

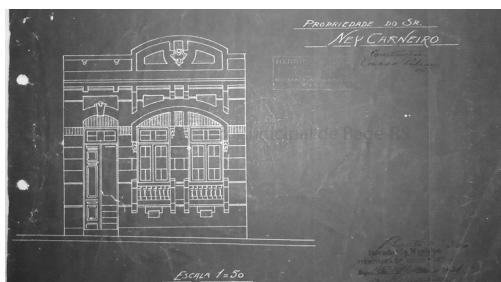
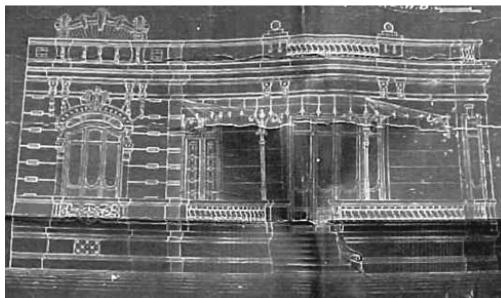


Projetos residenciais de Henrique Tobal



Vista pela Frente à Avenida Sete de Setembro

IV. Os Profissionais



1 e 2) Fachada e plantas baixas da Casa Nepomuceno Saraiva. Acervo Museu Dom Diogo de Souza; 3) Projeto de Henrique Tobi. Acervo Arquivo Público Municipal.

Desde a fundação oficial de Bagé, em 1811, a arquitetura foi conduzida por engenheiros militares vinculados ao governo provincial. O ponto de inflexão foi a contratação do arquiteto italiano Giuseppe Obino para a construção da nova igreja matriz, em 1862. A partir disso e com o incentivo da legislação vigente com a Constituição Estadual de 1891, que dispensou a comprovação oficial ou revalidação de diploma para arquitetos estrangeiros, esses profissionais atuaram no Estado, contribuindo para a consolidação do ecletismo. Esses profissionais se somaram aos formados pela Escola de Engenharia, onde havia curso de Arquitetura desde 1898.

Após a Primeira Guerra Mundial, arquitetos formados pela Escola Nacional de Belas Artes e franceses passaram a projetar obras públicas no Brasil, enquanto o setor privado continuava a ser atendido por estrangeiros e práticos locais

Em 1925, a Construtora Sul Brasil foi fundada em Bagé, priorizando projetos elaborados por arquitetos e engenheiros gaúchos. Ainda nesse ano, foi criada uma legislação que exigia o registro local dos profissionais, promovendo maior padronização e fiscalização da atividade.

Durante a década de 1930, mesmo com crescimento urbano modesto, observou-se uma busca por uniformidade arquitetônica e fiscalização mais efetiva. Construtoras porto-alegrenses com engenheiros e arquitetos renomados passaram a executar obras em Bagé, como Azevedo Moura & Gertum e Barcellos & Cia Ltda.

A criação do CREA, em 1933, levou o governo a priorizar profissionais brasileiros em obras oficiais. Profissionais estrangeiros, com dificuldade para validar seus diplomas, passaram a atuar no interior, contribuindo para o desenvolvimento arquitetônico de cidades como Bagé (GONÇALVES, 2006).

O período que abrange as residências analisadas neste trabalho, encerrando-se na década de 1940 com a Casa José Carrion Moglia (1947) foi marcado pela atuação de profissionais que moldaram a arquitetura bajeense até os nossos dias, os quais alguns, com maior destaque, elencamos a seguir.

Giuseppe Obino

(1835-1879)

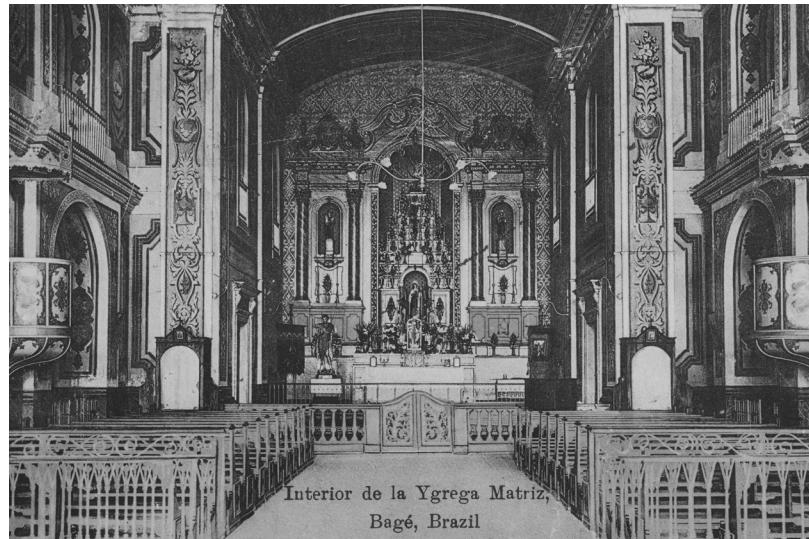
Giuseppe Obino nasceu na Sardenha, Itália, filho de Vittorio e Georgina Obino. Formado em Arquitetura, por volta de 1855 instalou-se no Brasil, onde estabeleceu-se nas cidades de Bagé, Pelotas e Porto Alegre. Sua trajetória insere-se no contexto da inserção de profissionais europeus qualificados no processo de construção e embelezamento das cidades do sul do Brasil no século XIX.

Como arquiteto, Obino foi autor de projetos significativos, destacando-se a Igreja Matriz de São Sebastião de Bagé, em 1862, cuja autoria é confirmada por documentos preservados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (TABORDA, 1975).

Paralelamente, destacou-se como marmorista em Porto Alegre, atuando no campo da arte funerária e realizando obras escultóricas como o conjunto "Os Quatro Rios", originalmente idealizado para a Praça em frente à Igreja Matriz da capital (WEIMER, 1992).



TABORDA, 1975



Interior de la Ygreja Matriz,
Bagé, Brazil

1) Fachada da Igreja Matriz de São Sebastião; 2) Aspecto interno da Igreja Matriz com sua decoração original. Projeto de 1862.



Acervo Fundação Bidart

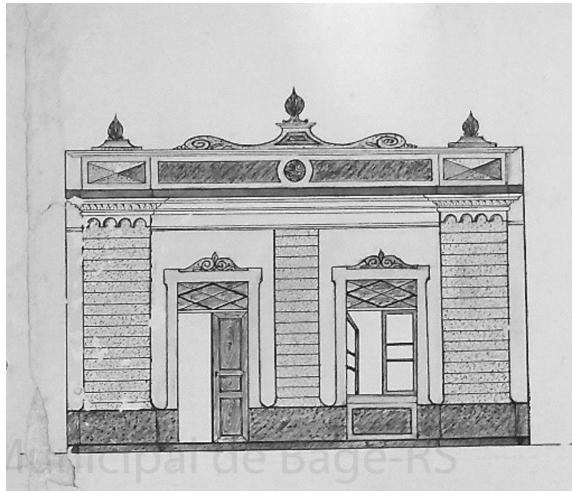
Pedro Obino

(1868-1955)

Pedro Obino foi um arquiteto-engenheiro de destaque no cenário arquitetônico de Bagé no início do século XX. Sobrinho dos também arquitetos Giuseppe e Sebastião Obino, foi provavelmente inserido na prática arquitetônica pelos tios, que já possuíam uma trajetória consolidada na cidade. Além de sua atuação profissional na arquitetura e engenharia, Pedro Obino destacou-se como filantropo e comerciante, sendo o fundador do Orfanato Bidart.

Seu nome está vinculado a edificações significativas da cidade, muitas das quais ainda resistem como testemunhos da arquitetura eclética praticada no período. Entre as obras assinadas por Pedro Obino, destacam-se a Residência Domingos Mascarenhas (1900), a Capela de Santa Thereza (1909), a Casa Comercial de João Pratti Filho e o Clube Caixeiral (1911).

A arquitetura de Pedro Obino é caracterizada por uma forte rigidez formal e pela busca da simetria. Suas plantas geralmente apresentam formato retangular, com fachadas equilibradas, refletindo uma clara inspiração na tradição neoclássica.



1) Desenho de Pedro Obino para uma residência; 2) Fachada do Clube Caixeiral, projeto de 1911. Acervo Arquivo Público Municipal.

Domingos Rocco

(1879-1941)

Domingos Fummo Rocco nasceu na Sicília e formou-se engenheiro-arquiteto em Nápoles. Iniciou sua trajetória profissional nas Américas em Montevidéu, portando carta de representação ao agente consular, que o destacou para o interior da Argentina. Posteriormente, veio ao Brasil, instalando-se na cidade de Pelotas, de onde migrou para Bagé, em finais do século XIX, para assinar o projeto da sede da Intendência Municipal (1900). Na cidade, assinou ainda o projeto da residência do intendente, Cel. José Octávio Gonçalves (1904) e a casa de Sílvia Sá de Oliveira (1929). Mais tarde, transferiu-se para Porto Alegre, onde projetou diversas residências (MENEGOTTO, 2018).



GONÇALVES, 2006



1) Intendência Municipal, inaugurada em 1900; 2) Casa José Octávio Gonçalves, de 1904. Acervo Museu Dom Diogo de Souza.

Henrique Tobal

(1886 – 1952)



MORGADO, 2021.

Henrique Tobal Macias nasceu em Málaga, na Espanha. Formou-se em Arquitetura e Escultura pela Escola de Belas-Artes de Madrid. Emigrou para a América em 1911, inicialmente estabelecendo-se em Buenos Aires e, posteriormente, em Porto Alegre, onde participou das obras da Biblioteca Pública do Estado. Em 1915, fixou-se definitivamente em Bagé, onde atuou como arquiteto, escultor e construtor. Integrou o grupo de intelectuais da Revista Phenix, projetando-se também como desenhista, poeta, escritor e chargista. Entre suas principais obras arquitetônicas estão as residências de Domingos Gomes (1920) e Manoel Leal de Macedo (1926), o Banco Nacional do Comércio (1929), o Teatro da Sociedade Espanhola (1934), e a residência Jerônimo Mércio da Silveira (1936) (MORGADO, 2021). Sua produção arquitetônica reflete a transição da arquitetura historicista europeia para uma linguagem protomoderna. Tobal começou utilizando amplamente ornamentos clássicos e, com o tempo, foi simplificando suas composições até alcançar formas mais depuradas, alinhadas às tendências modernas emergentes no final da década de 1930 (GONÇALVES, 2006).



1) Banco Nacional do Comercio, de 1929; 2) Teatro da Sociedade Espanhola, de 1934.

3) Residência Jerônimo Mércio da Silveira, de 1936. GONÇALVES, 2006.

Carlos Moreira

(1905-1997)

Carlos Machado Moreira formou-se engenheiro pela Escola de Engenharia de Porto Alegre no final da década de 1920. Com uma formação marcada pelo domínio das técnicas construtivas da época e valorização de referenciais clássicos, atuou como engenheiro do DAER e, vinculado à Construtora José Maria de Carvalho, desenvolveu diversos projetos arquitetônicos tanto por meio da firma quanto de forma autônoma. Em sintonia com a produção arquitetônica nacional de seu tempo, que transitava entre influências do ecletismo e novas linguagens modernas, Moreira soube incorporar elementos contemporâneos sem abrir mão da tradição clássica. Projetou, em Bagé, a sede do Clube Comercial, de 1934 (com a colaboração de Vasco da Gama e Silva e Pedro Obino e execução da construtora Sul Brasil), a sede social com tribuna, pavilhões e pórtico de acesso do Parque da Associação Rural (1940), a Casa Sérgio Machado Moreira (1942), a sede do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (1943) e a Casa José Carrion Moglia, de 1947 (GONÇALVES, 2004).



GONÇALVES, 2006



1) Clube Comercial de Bagé; 2) Projeto da Casa José Carrion Moglia. Acervo Museu Dom Diogo de Souza.

Osorio
(Brazil)



V. A Casa bajeense

Localização das Casas





1 Casa Albert Guidoux



2 Casa Contreiras Rodrigues



3 Casa Luiz Méricio Teixeira



4 Palacete Pedro Osório



5 Casa José Octávio Gonçalves



6 Casa Nepomuceno Saraiva



7 Casa Domingos Gomes



8 Casa Manoel Alves Sarmento



9 Casa José Carrion Moglia

1 CASA ALBERT GUIDOUX

Rua Flores da Cunha, 161 - Centro

Ano de Construção: 1880

Arquiteto: Não identificado

1º proprietário: Manuel Martins

Proprietário Atual: Sucessão Maria Delfina Araujo Guidoux



Albert René Vauthier Guidoux

(1918-1987)

Médico cirurgião e clínico geral, colecionador de antiguidades e fotógrafo amador. Atuou no hospital de seu sogro, a Casa de Saúde Dr. Mário Araujo.

Mário Araujo

(1893-1956)

Mário do Amaral Araujo nasceu em Pelotas. Formou-se médico em 1917, no Rio de Janeiro, e, em seguida, aperfeiçoou seus conhecimentos na Europa. Ao retornar ao Brasil, foi convidado pelo Dr. Nabuco de Gouvêa para trabalhar em Bagé, onde casou-se, em 1919, com Clélia Osório Gomes. Foi fundador e proprietário Casa de Saúde Dr. Mário Araujo — atual Hospital Universitário da FAT/Urcamp. Além de seu legado na medicina, foi prefeito, entre 1945 e 1946, presidente a Sociedade de Medicina de Bagé e também do Grêmio Esportivo Bagé (LOPES, 2014).

Histórico

Esta residência foi concluída em 1880, por Manuel Martins. Foi um dos primeiros sobrados de Bagé. Serviu como sede da Estação Telegráfica e, provisoriamente, do Colégio Franciscano Espírito Santo. Com a finalização da sede definitiva do Colégio, a casa foi vendida para Joaquim Magalhães e reformada por um arquiteto vindo de Buenos Aires, com mão-de-obra de carpinteiros portugueses.

Mais tarde, a casa tornou-se propriedade do Banco Nacional do Commercio, servindo como residência para o gerente do banco. Após, foi adquirida por Serafim Gomes, sogro de Mário Araujo (FAGUNDES, 2012). A casa foi adquirida, em 1977, pelo médico Albert Guidoux, casado com Maria Delfina Araujo Guidoux (filha de Mário Araujo). Recentemente, a fachada da residência passou por intervenção assinada pelo arquiteto Ney Muniz.

Arquitetura

O sobrado integra-se homogeneamente ao entorno, seguindo o alinhamento predial praticado pela maioria dos imóveis da zona central da cidade com 01 ou 02 pavimentos.

Orientado a norte, com fachada no estilo *ecléctico simplificado*, conta com elementos de marcenaria em inspiração *Art Nouveau* e fachada com eixo de simetria central. Possui *porão* alto, com *gateiras* para iluminação e *rusticação* "leve" nos *corpos* laterais do térreo e pavimento superior.

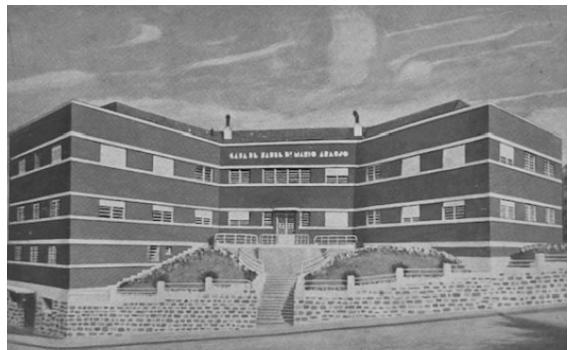
O *corpo* da edificação é claramente subdividido entre os dois pavimentos,

os quais apresentam ornamentações diferentes. No pavimento térreo, vê-se *umbras* e valorização individual de cada uma das 06 esquadrias. Já no pavimento superior, com *corpo* separado por elemento horizontal abaixo da linha inferior dos balcões, igualmente apresenta-se com os *umbras* contornando essas aberturas e *guirlandas* continuas aplicadas como arremate superior. Culmina-se a sequência de elementos verticais com um *coroamento* precedido de “*cachorros*” e *cornija* que sustentam a *platibanda* com 02 frontões em baixo relevo, implantados nas extremidades.

As venezianas de madeira são pintadas na cor verde e as aberturas em madeira natural, com medalhões acima das janelas centrais do térreo e balcões salientes com guarda-corpos em ferro fundido. A *platibanda* é cega, com ornamentos nas extremidades, e uma *cornija* a separa do *corpo* central. O portão de acesso é em ferro fundido.

A residência desenvolve-se em torno de um hall central encimado por *claraboia* em ferro e vidro que “banha” de luz o espaço interno, com uma circulação vertical que se impõe fortemente nesse espaço e atinge o pavimento superior, distribuído em: salas frontais a norte; dormitórios a leste; estar íntimo no centro e serviços aos fundos. Nos espaços internos, pode-se visualizar objetos, móveis de estilo, piano de cauda, estantes de livros, biblioteca com esculturas de mandarins chineses e obras de arte.

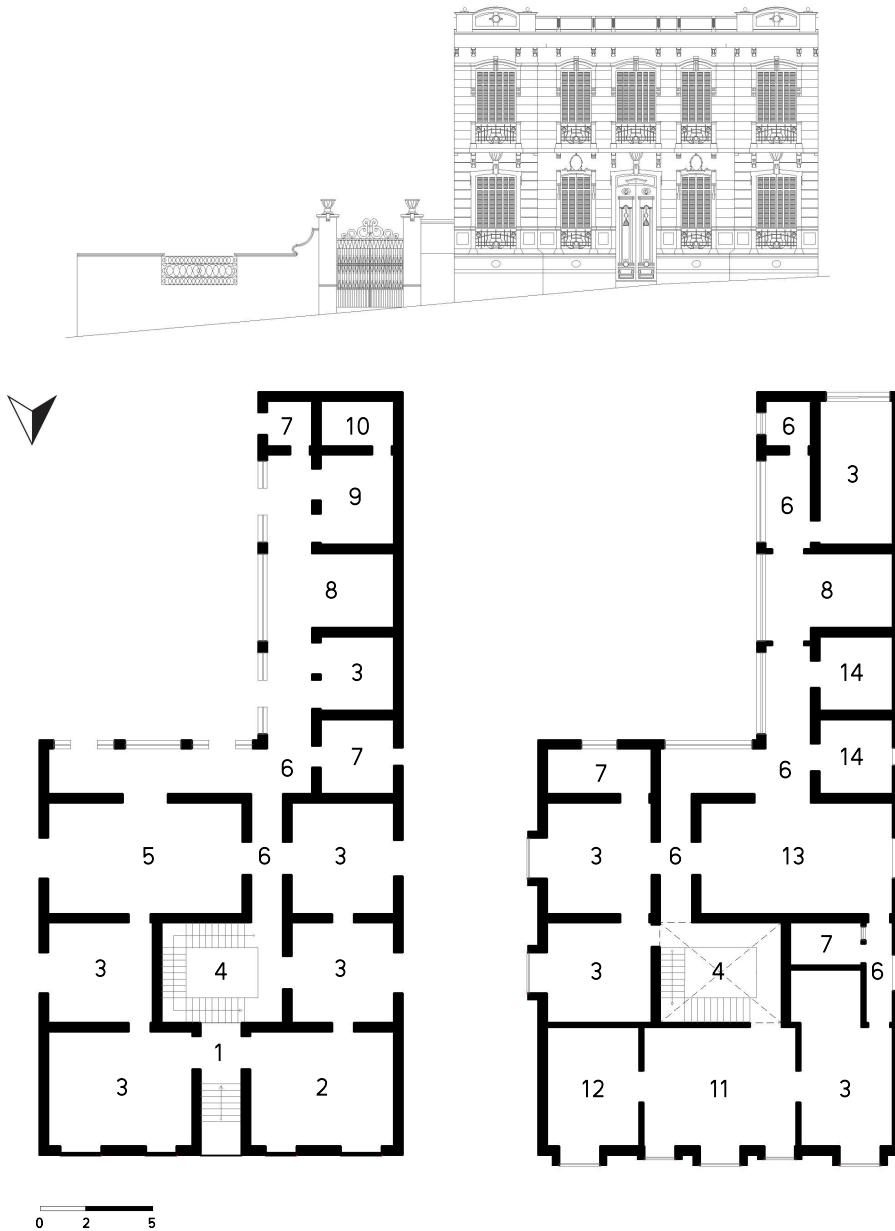
A implantação da Casa Albert Guidoux, lateral à antiga “Casa de Saúde Dr. Mário Araújo”, atual Hospital Universitário da Urcamp, sugere nos dias atuais, não somente um lócus urbano que implanta 02 exemplares arquitetônicos significativos - uma casa e um hospital - lado a lado, como suscita a memória da vivência do Dr. Mário Araújo e sua contribuição para a cidade.



1) Vista do Hospital Universitário e Casa Albert Guidoux;
2) Quarteirão da Casa Albert Guidoux, ressaltando sua
implantação junto ao hospital; 3) Casa de Saúde Mário Araújo.



CASA ALBERT GUIDOUX



- 1—Hall
- 2—Escritório
- 3—Dormitório
- 4—Hall central
- 5—Estar
- 6—Circulação
- 7—Banheiro
- 8—Sala de jantar
- 9—Cozinha
- 10—Despensa
- 11—Sala de música
- 12—Sala de antiguidades
- 13—Biblioteca
- 14—Depósito

Plantas baixas e fachada - Adaptado de desenho original de Ney Muniz

2 CASA CONTREIRAS RODRIGUES

Rua Carlos Mangabeira, 76 - Centro

Ano de Construção: 1880+

Arquiteto: Desconhecido

1º proprietário: José Luiz Martins

Proprietário Atual: Sucessão Eduardo Contreiras Rodrigues

Félix Contreiras Rodrigues

(1884-1960)

Advogado, economista, professor e escritor, formou-se em Direito em Porto Alegre, em 1910. Viveu em Paris entre 1916 e 1922, onde estudou Economia Política. Foi um dos fundadores do *Correio do Sul*, e colaborador de outros periódicos gaúchos. Entre 1934 e 1937, dirigiu o Banco do Rio Grande do Sul. Nesse período, lecionou no curso Pré-Jurídico da Escola de Comércio e na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, depois incorporada à PUC/RS. Como escritor, produziu obras diversificadas, entre livros voltados à sua área de atuação e literários. Sob o pseudônimo de Piá do Sul, deixou livros significativos para o tradicionalismo, do qual foi um dos pioneiros. Presidiu a Academia Riograndense de Letras e integrou o Instituto Histórico e Geográfico do RS. Em sua homenagem, uma escola e uma rua em Bagé, além de uma rua em Porto Alegre, carregam seu nome.

Eduardo Contreiras Rodrigues

(1917-2005)

Eduardo, filho de Félix, nasceu em Paris e foi registrado no consulado brasileiro. Lecionou por mais de 50 anos em escolas da cidade. Foi diretor do Colégio Carlos Kluwe e lecionou ainda nas Faculdades Unidas de Bagé – FunBa (depois Urcamp). Foi ainda agraciado com a medalha do Pacificador pelo Ministério do Exército (LOPES, 2007). É patrono do bosque do Palacete Pedro Osório.



Histórico

O terreno onde se localiza a residência era originalmente propriedade dos Irmãos Chichi (fundadores do "Moinho Bajeense"). Em 1874, foi adquirido por José Luiz Martins, que construiu uma casa neste local, para onde se mudou sua filha, Maria das Dores, casada com José Crispiniano de Contreiras e Silva. Entre a descendência do casal, estão Faustina Contreiras Osório (casada com o Dr. Pedro Osório) e Maria Dolores Contreiras Rodrigues, casada com Gregório Gonçalves Rodrigues, estes últimos, pais de Félix Contreiras Rodrigues.

A residência, cujo autor do projeto original é desconhecido, foi reformada em 1915 pelo arquiteto Pedro Obino e posteriormente, na década de 1930, novamente modificada pelo mestre de obras Domingos Lourenço, com a colaboração do artesão Domingos Barbosa e o pintor paraguaio Estanislau Stani. Após o falecimento de Félix, a casa foi herdada por seu filho, o professor Eduardo Contreiras Rodrigues (FAGUNDES, 2012).

Arquitetura

O exemplar residencial segue os moldes das casas urbanas com novos esquemas de implantação, ou seja, com afastamento dos vizinhos e jardins nas laterais.

A composição *tripartida* apresenta-se no alinhamento predial, com base em porão alto, composto de óculos para ventilação. O corpo da fachada possui panos subdivididos entre pilastras simplificadas em simulações da ordem compósita. O coroamento em platibandas adornadas com pequenas conchas, precedidas de frisos, molduras e cimalhas que reproduzem a distância entre pilastras e encobrem o telhado.

A partir da porta de entrada, um corredor se estende no eixo longitudinal da residência. À sua esquerda, encontra-se a sala de visitas, que serve como espaço de transição entre a biblioteca, localizada nesse mesmo lado, e a sala de jantar (utilizada também como estar da família), situada à direita da sala de visitas. Após a sala de jantar, desenvolve-se a área de serviços da casa. Já à direita do corredor principal está a ala íntima, voltada para o exterior e para o pátio.

Sendo a face principal da casa voltada para norte, lateralmente, a leste, destina-se a entrada de veículos e um jardim. Ao sul, situava-se o quintal e na esquina oeste, as estrebarias e o acesso às charretes.

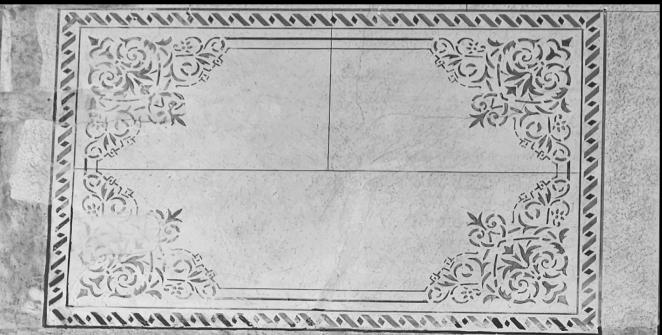
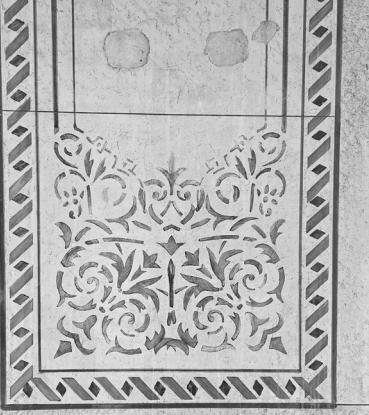
As esquadrias, com *umbrais* ornamentados, encimados por *frontões* e *rosáceas*, invariavelmente precedidas por sacadas com balcões de ferro batido, estão distribuídas em ritmo homogêneo ao longo da fachada. A propósito, esses elementos aparecem de forma idêntica nas fachadas na casa da família Salis e outros imóveis da época.

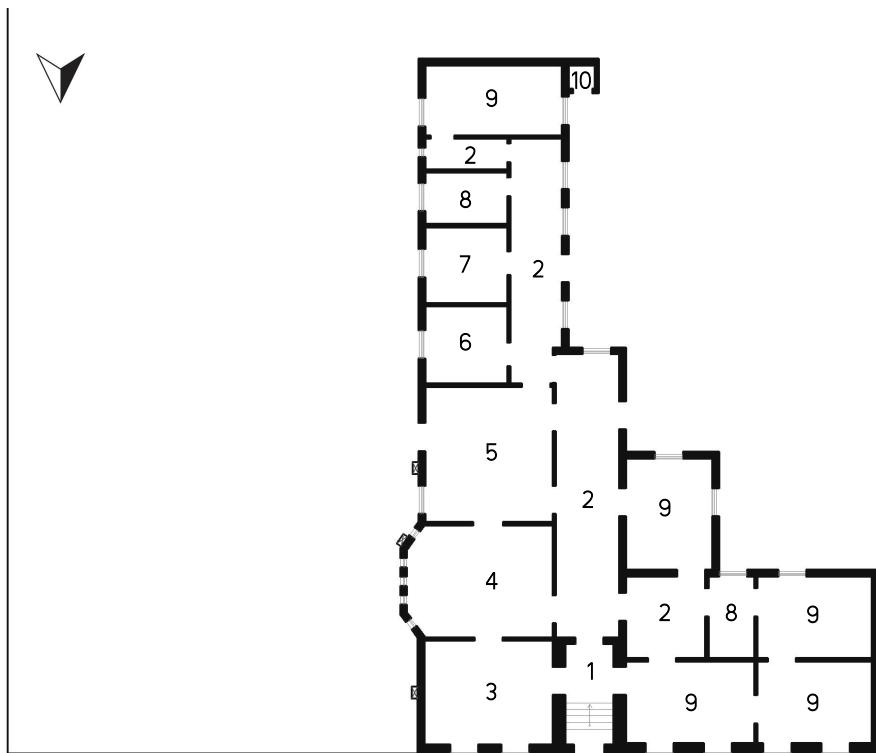
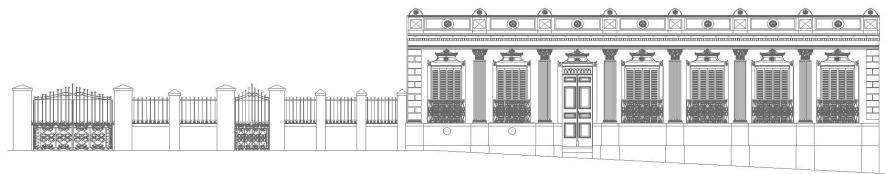
Algumas curiosidades descritas pelo Prof. Eduardo Contreiras Rodrigues, entrevistado em 1995, referem-se a itens do mobiliário da casa, como sala de visitas com móveis ao estilo regência, luminária *Art Nouveau* e cadeira de balanço no estilo manuelino.

As salas sociais (biblioteca, sala de visitas e sala de jantar/estar), contam ainda com três salamandras em ferro de origem francesa que, segundo o professor Eduardo Contreiras, pertenciam originalmente ao Palacete Pedro Osório. Ao longo do tempo, a construção sofre alterações internamente, ou seja, na sala de visitas implanta novas esquadrias tipo *bay-window* para o jardim e telhado reconstituído com telhas francesas.



1) Aspecto da fachada da Casa Contreiras Rodrigues; 2) Fachada da Casa da família Salis. Semelhança entre a ornamentação das esquadrias.





0 2 5

Desenho: Adaptado de desenho original de Martha Loureiro de Souza

CASA CONTREIRAS RODRIGUES

- 1—Hall
- 2—Circulação
- 3—Biblioteca
- 4—Sala de visitas
- 5—Sala de jantar/estar
- 6—Despensa
- 7—Cozinha
- 8—Banheiro
- 9—Dormitório
- 10—Depósito

3 CASA LUIZ MÉRCIO TEIXEIRA

Av. Gal. Netto, 301—Centro

Ano de Construção: 1880+-

Arquiteto: Não identificado

1º proprietário: João Coutinho

Proprietário Atual: Maria Luiza Teixeira da Luz



Luiz Méricio Teixeira - Dr. Lili

(1889-1971)

Luiz Méricio Teixeira nasceu em Dom Pedrito e formou-se médico pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1915. Especializou-se em pediatria, atuando como interno da Policlínica de Crianças, no Rio de Janeiro. Conhecido em Bagé como Dr. Lili, casou-se com Maria Vieira Teixeira e desempenhou, além da medicina, as funções políticas de prefeito de Bagé (1935-1942) e deputado federal constituinte pelo Rio Grande do Sul (1946-1951) (FAGUNDES, 2012). Em sua homenagem, uma escola estadual local carrega seu nome.

Histórico

Segundo os proprietários, esta casa data das décadas finais do século XIX, propriedade de João Coutinho e, mais tarde, adquirida por Vitoriano Gonçalves Vieira, casado com Diva Magalhães Vieira. Após, a casa passa para sua filha, Maria Vieira, casada com o Dr. Luiz Méricio Teixeira (FAGUNDES, 2012). Atualmente, a residência permanece com seus descendentes.

Arquitetura

A composição de esquina, em forma retangular, mantém o esquema da casa de porão alto, elevada em relação à rua, o que confere privacidade aos cômodos voltados para o exterior. Os panos externos, com tripartição na vertical - em *base*, *corpo* e *coroamento* - são isentos de *pilastras* e praticamente despojados de ornamentos, apresentando o recurso da *rusticação*, tanto na *base* quanto no *corpo* da edificação.

A porta da entrada principal, em madeira nobre, é encimada por bandeira em arco pleno com vidros coloridos e conduz à escadaria que precede a porta de acesso, ladeada por outras duas portas, configurando um pequeno hall de entrada.

A tipologia original, em "U", definida a partir de sequência de compartimentos interligados nas fachadas norte, oeste e divisa sul, resulta em um vazio no miolo da composição, o qual permite um preenchimento em átrio central, que abraça internamente a maioria desses

compartimentos.

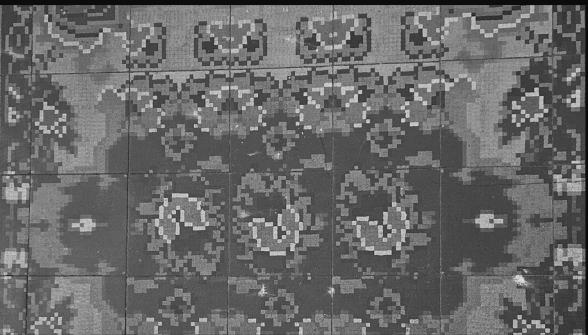
O “miolo” central emoldurado em um dos lados por duas *colunas* alongadas com fuste liso e capitel dórico, está encimado por *claraboia* de ferro e vidro, que transfere forte luminosidade para o espaço, equipado atualmente com toldo retrátil para proteção solar.

O acesso principal apresenta paredes revestidas em escaiola com piso em ladrilho hidráulico decorado, utilizado em vários compartimentos do exemplar, como uma das salas próximas ao acesso, onde vê-se um tapete em ladrilho colorido em micro peças, o qual deve ser considerado uma obra de arte.

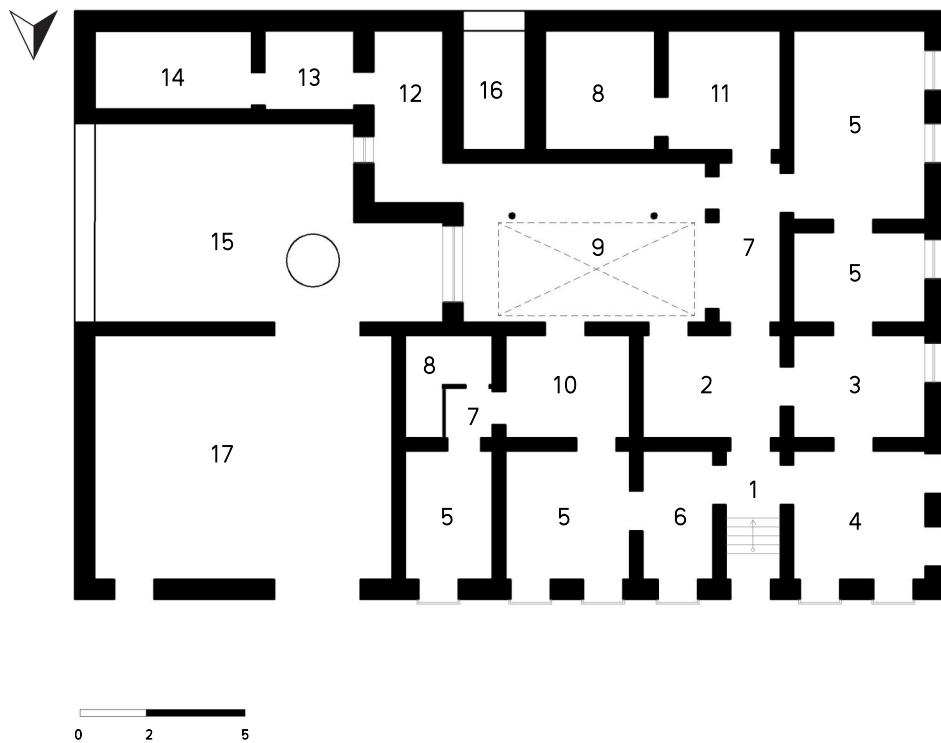
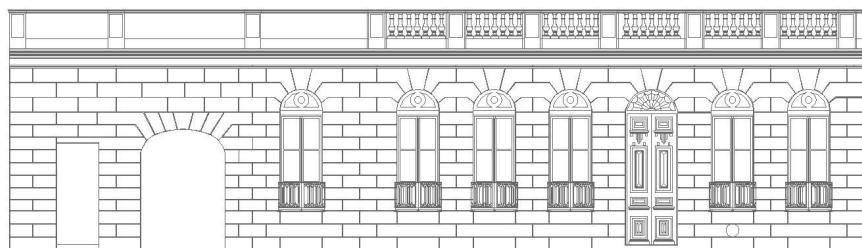
As paredes externas recebem *rusticação* em toda altura, gateiras no porão, platibandas vazadas, janelas com gradis de ferro. Internamente, visualiza-se móveis de estilo, em sua maioria pertencente a antepassados da proprietária.

As aberturas são arrematadas na parte superior por bandeirolas cegas em arcos plenos adornados por elemento geométrico; existem sacadas em ferro batido na maioria das esquadrias da fachada norte e oeste, ficando os dormitórios da ala externa oeste configurados por janelas. Já as *platibandas* são vazadas, configuradas por balaústres intercalados por pilastra com compoteiras em cada intervalo de vão das esquadrias abaixo.





CASA LUIZ MÉRCIO TEIXEIRA



Desenho dos autores

- 1—Hall
- 2—Sala
- 3—Biblioteca
- 4—Escritório
- 5—Dormitório
- 6—Quarto de vestir
- 7—Circulação
- 8—Banheiro
- 9—Átrio
- 10—Sala de jantar
- 11—Rouparia
- 12—Copa
- 13—Cozinha
- 14—Despensa
- 15—Jardim
- 16—Ar e luz
- 17—Garagem

4 PALACETE PEDRO OSÓRIO

Av. Tupy Silveira, 1436—Centro

Ano de Construção: 1901

Arquiteto: Não identificado

1º proprietário: Pedro Osório

Proprietário Atual: Município de Bagé



Pedro Osório

(1854-1922)

Pedro Osório foi médico, escritor e jornalista. Cursou medicina na Universidade Sorbonne, em Paris, e de volta ao Brasil, estabeleceu-se em Bagé, ficando conhecido como médico humanitário. Reconhecido anfitrião, fez de seu escritório uma sala de visitas para a cidade, onde recebia políticos e figuras de destaque. Casou-se duas vezes: a primeira, com Ana Luiza Bordini e a segunda com sua prima, Faustina Contreiras Osório. Dos casamentos, não deixou filhos. (RODRIGUES, 1981).

Histórico

O Palacete foi desenhado por seu proprietário, que trouxe de Paris, “na bagagem, além de uma ilustração muito bem aprimorada, também o projeto de sua residência, inspirada num prédio de Florença” (RODRIGUES, 1981, p.6). No escritório do Palacete ocorreu, durante a Revolução de 1923, uma importante reunião entre os líderes maragatos e o Ministro da Guerra, iniciando as negociações de paz, que seriam concretizadas com o Pacto de Pedras Altas (LEMIESZEK, 2005). Com o falecimento de Pedro Osório, em 1922, sua viúva permaneceu residindo na casa até sua morte, em 1946. Mais tarde, a residência foi adquirida pela Prefeitura de Bagé, na gestão do prefeito Carlos Kluwe, que cedeu o imóvel, em 1954, para o Ginásio e depois Colégio Estadual de Bagé, que utilizou as dependências do Palacete até 1999 (FAGUNDES, 2012). Desde 2006, o Palacete Pedro Osório é tombado pelo IPHAE/RS. Atualmente, é sede da Secretaria Municipal de Cultura.

Arquitetura

O partido desenrola-se em planta sem definição de simetria, implantada com dois acessos: o principal, no alinhamento predial, e um secundário lateral através da porção frontal, pelo portão lateral, demarcado por duas pilastres com ornamentação carregada e de inspiração clássica, que aproximadamente nos anos 1920, recebe em seu ápice, simulando pináculos, dois cachorros fundidos em ferro e bronze, produzidos na Europa, em posições aleatórias, traduzindo um teor de curiosidade aos observadores e passantes da via.

O acesso principal, a partir do passeio, seguido por escadaria que atinge plano elevado, originalmente não coberto, tem-se a porta principal, seguida por vestíbulo, que precede o "jardim de inverno", o qual estabelece a distribuição dos cômodos principais da casa.

O setor principal da edificação apresenta uma adição lateral em dois pavimentos, recuada, para serviços e garagem, efetuando um fechamento visual em direção oeste e determinando a leitura de uma configuração em "L".

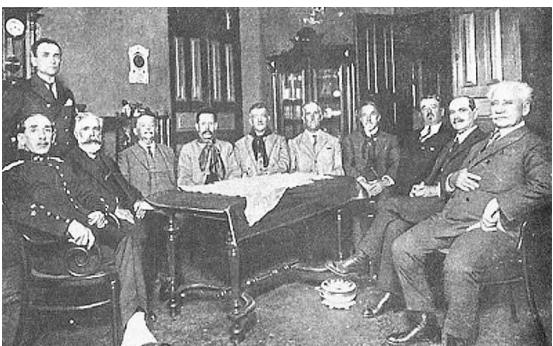
Na lateral norte da edificação, há um alpendre originalmente acessado pela sala de jantar e dormitórios, que projeta-se para um bosque de caminhos sinosos e traçado orgânico (atualmente denominado "Bosque Eduardo Contreiras Rodrigues"), que é emoldurado, no alinhamento predial, por longo muro frontal vazado, formado por pilastras e gradil. O alpendre possui uma escada caracol em ferro fundido, que conduz ao terraço habitável.

Observa-se na volumetria resultante, fartamente adornada por elementos de arquitetura do ecletismo, espaços significativos, como o alpendre frontal, encimado por terraço delimitado por sacada em balaústres e volume do mirante, o que simbolicamente representa os anseios do Dr. Pedro Osório, de admirar o bosque criado em lote tipo "chácara", que atravessa o quarteirão, bem como visualizar a cidade nas demais direções.

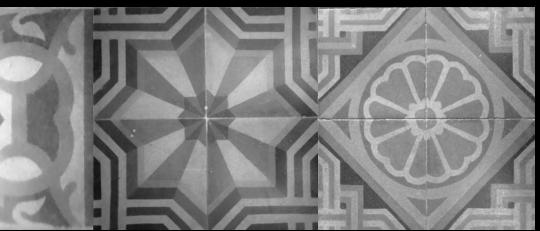
A experiência de uso do "*palacete*" ao longo do tempo, reforça questões relacionadas com a capacidade de adaptabilidade desses prédios seculares e que permanecem no imaginário do cidadão através de iniciativas governamentais ou privadas, pautadas em legislações direcionadas à conservação através de novos usos e que permitem a percepção dos espaços que contam a história da cidade.

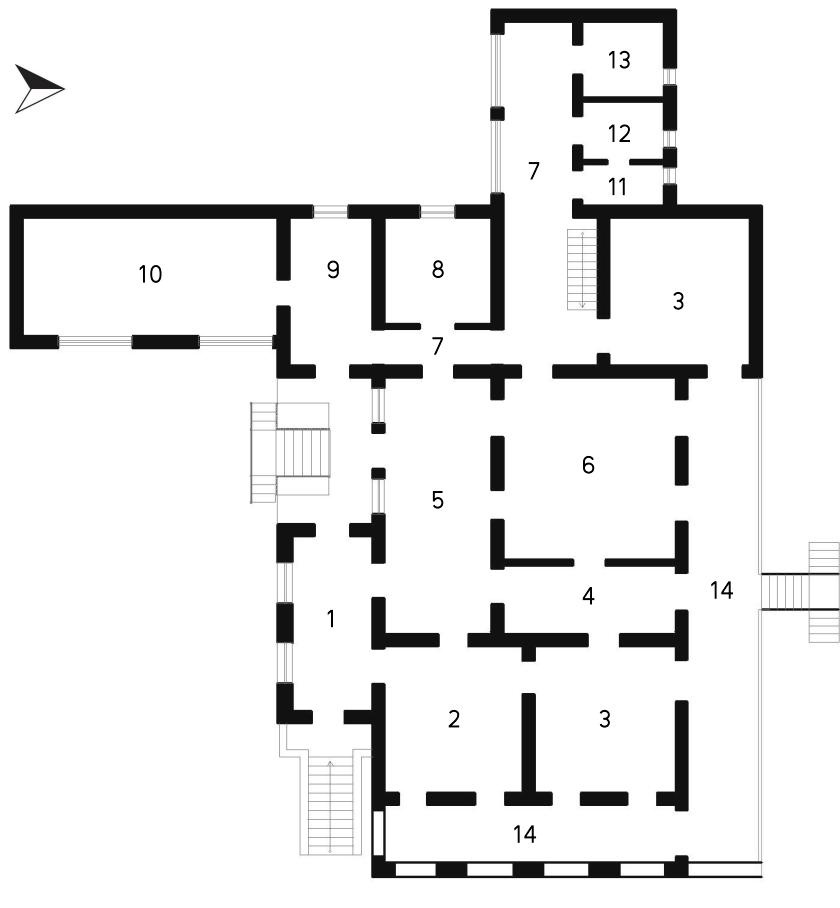
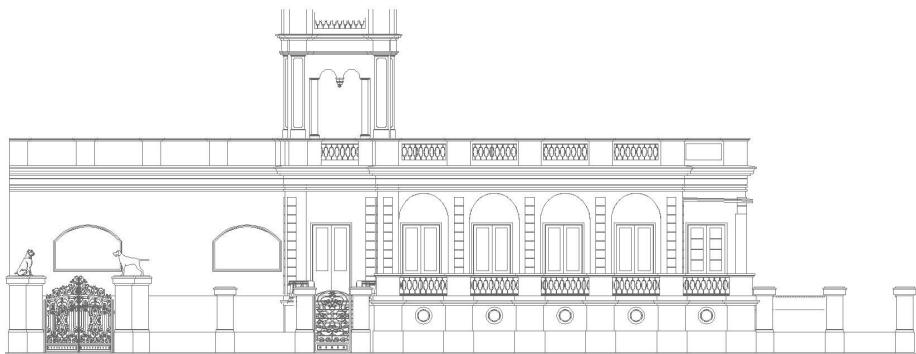


Palacete Pedro Osório antes e depois da construção de alpendre frontal. Nota-se, na primeira imagem, a ausência das esculturas dos cachorros em ferro. Acervo Museu Dom Diogo de Souza



Reunião entre Assis Brasil, os líderes revolucionários e o ministro da guerra no escritório do Palacete, durante a Revolução de 1923. LEMIESZEK, 2005





Fachada: Sandro Martinez Conceição. Planta baixa dos autores

PALACETE PEDRO OSÓRIO

- 1—Hall
- 2—Escritório
- 3—Dormitório
- 4—Quarto de vestir
- 5—Jardim de inverno
- 6—Sala de jantar
- 7—Circulação
- 8—Rouparia/louçaria
- 9—Cozinha
- 10—Serviço
- 11—Banheiro
- 12—Quarto de banho
- 13—Sala de rádio
- 14—Alpendre

5 CASA JOSÉ OCTÁVIO GONÇALVES

Rua Ismael Soares, 99 - Centro

Ano de Construção: 1904

Arquiteto: Domingos Rocco

1º proprietário: José Octávio Gonçalves

Proprietário Atual: Lidiomar Rodrigues de Freitas



José Octávio Gonçalves

(1866-1913)

José Octávio Gonçalves foi um militar e político bajeense. Filiado ao Partido Republicano, integrou a junta governativa de Bagé, em 1890 e foi o primeiro intendente eleito da cidade, em 1897, sendo reeleito outras duas vezes (1901 e 1910). Deputado estadual, José Octávio era casado com Carolina Netto Gonçalves. Seus governos em Bagé foram marcados por grandes realizações sociais e econômicas (TABORDA, 2015).

Histórico

Esta casa foi projetada pelo arquiteto Domingos F. Rocco, em 1904, como residência do intendente de Bagé, José Octávio Gonçalves. Depois da sua morte, em 1913, a viúva, Carolina Netto Gonçalves, permaneceu residindo no local. Após seu falecimento, nos anos 1970, a casa foi sede do Círculo Militar. Mais tarde, os herdeiros a venderam para Caio Albuquerque (FAGUNDES, 2012). Em 2018, a casa foi adquirida por Lidiomar Rodrigues de Freitas. Mariana Millarch Rodrigues de Freitas, sua esposa e arquiteta, assinou o projeto de restauro e arquitetura de interiores.

Arquitetura

O imóvel, edificado em 1904, conforme identificação desta data registrada no frontão principal da fachada, caracteriza-se como do *estilo eclético historicista*. O arquiteto italiano Domingos F. Rocco, vindo de Pelotas para o projeto da "Intendência Municipal", concluída em 1900, é contratado pelo então intendente para projetar sua residência particular.

A casa de "porão alto", com afastamento lateral no lado oeste e sul, para pátio, acesso secundário e de veículos, compõe uma esquina com vértice em curva na porção resultante dos seus lados Norte e Sul.

A composição, com base demarcada por óculos que sinalizam a existência de porão, corpo principal no pavimento térreo e o coroamento na platibanda, possui fachadas demarcadas verticalmente por onze pilastras de bases alongadas, fustes canelados e capitéis jônicos.

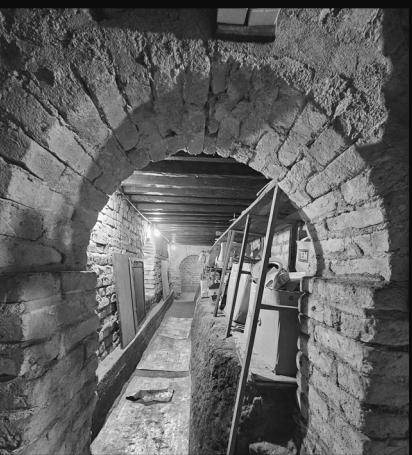
Do acesso principal visualiza-se, de forma não axial, o *átrio* central, encimado por claraboia em caixilharia metálica, a qual, na mesma reforma dos anos 70, recebe outra camada em madeira e vidro . Este espaço, centro de interesse compositivo , é utilizado como uma opção de estar de convivência familiar.

A sala de visitas, localizada no vértice das duas vias públicas, recebe um tratamento formal evidenciado pela esquina em curva. As paredes da sala de jantar são revestidas em *escaiolas*, técnica usual na época.

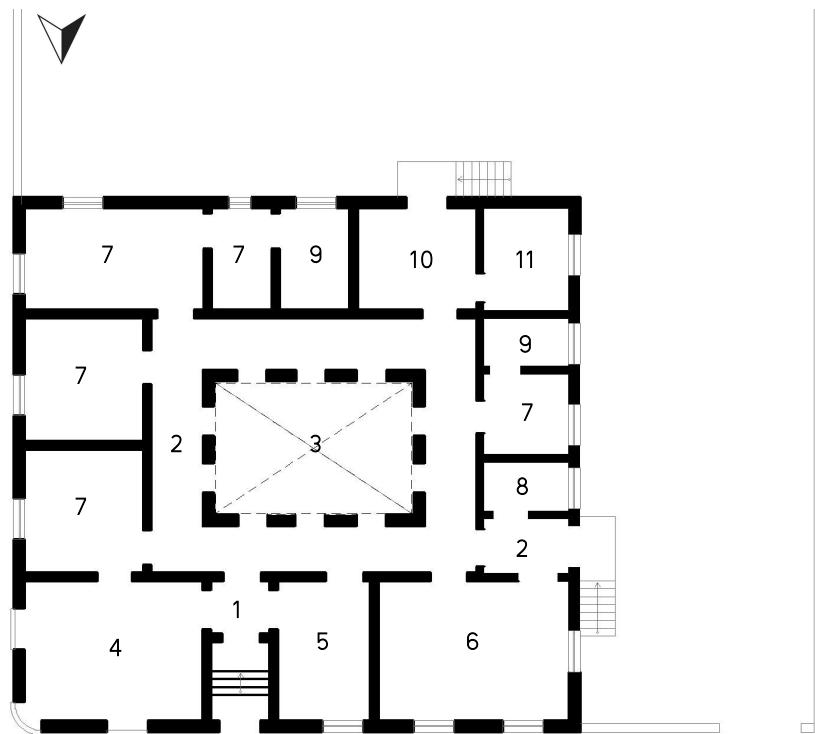
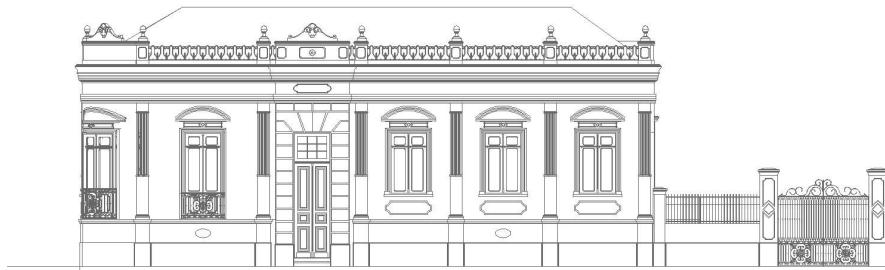
Aponta-se como um aproveitamento efetuado nas reformas dos anos 70, pelos arquitetos Sérgio Coirolo e Maria de Lourdes Costa, tanto do pé direito alto no pavimento térreo , quanto a existência de um porão, a criação de compartimentos como rouparia na parte superior do térreo , ao lado do dormitório do casal, quanto um banho – vinculado a dormitório no térreo - e adega , implantados neste subsolo.

A articulação plástica entre a *base*, *corpo* e *coroamento* conferem unidade ao conjunto, embora a solução do acesso principal estar desvinculado do eixo central e esquina curva, implica em uma leitura mais fragmentada do seu arranjo geométrico.





CASA JOSÉ OCTÁVIO GONÇALVES



0 2 5

Desenho dos autores

- 1—Hall
- 2—Circulação
- 3—Átrio
- 4—Estar
- 5—Escritório
- 6—Sala de jantar
- 7—Dormitório
- 8—Lavabo
- 9—Banheiro
- 10—Copa
- 11—Cozinha

6 CASA NEPOMUCENO SARAIVA

Rua Marcílio Dias, 1101 - Centro

Ano de Construção: 1912

Arquiteto: Manoel Figueró

1º proprietário: Nepomuceno Saraiva

Proprietário Atual: Grupo JW



Nepomuceno Saraiva

(1870 - ?)

Nepomuceno Saraiva era filho do caudilho Aparício Saraiva. Sua família, natural do Uruguai, mudou-se para o Brasil em 1910. Vieram, além de Nepomuceno, sua esposa, filhos, mãe e irmãos. Em Bagé, foi proprietário ainda de uma "carniceria". Nepomuceno e teve grande atuação durante a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul (FAGUNDES, 2012).

Histórico

Esta residência foi edificada em 1912, para Nepomuceno Saraiva. O arquiteto foi Manoel Figueró, de origem uruguaia. Na década de 20, a casa foi residência de Serafim Gomes, e posteriormente vendida para Nicanor Peña Médici. Com a morte do médico, sua viúva vendeu a residência para Bernardino Barcellos, conhecido como "Bolica", na década de 1950 (FAGUNDES, 2012). A família Krause, mais tarde (2005), adquiriu a casa para instalar uma loja de departamentos. Desde 2016, o local é sede do Grupo JW – empreendimentos imobiliários.

Arquitetura

O ingresso na residência é demarcado por um portão e escadaria direcionada a porta de acesso coberto pela estrutura do alpendre em ferro e vidro.

A tipologia em "L" apresenta os compartimentos em sequência, iluminados pelo *átrio central*. Na fachada assimétrica há um jogo de volumes com cobertura não visível pela contorno em platibanda, esta composta de pequenos *frontões* curvos, globos e *gradis* de ferro. A fachada oeste projeta-se no alinhamento predial, enquanto a esquina leste-sul possui recuo lateral com jardins e gruta, hoje substituídos por outros usos. A circulação interna ocorre por meio de dois compartimentos contíguos, cobertos originalmente em claraboia de ferro e vidro, permitindo o acesso para os cômodos principais da residência.

O arquiteto, de origem platina, utiliza-se de detalhes construtivos significativos e linhas arrojadas para a época. De fato, verifica-se no exemplar influências da arquitetura praticada nos países vizinhos, como a inclusão de abertura em madeira, com balcão de ferro e bronze, inspirada

no estilo *Art Nouveau*, e o uso da técnica do cimento penteado , adotada nesses países nas primeiras décadas do século XX.

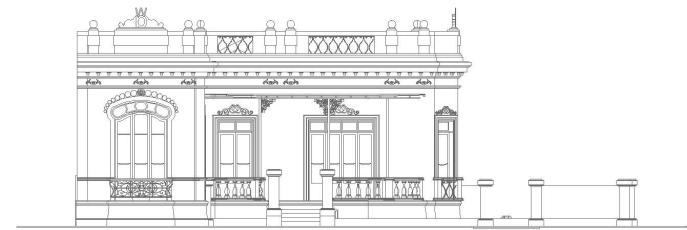
Após venda pela Sucessão Bernardino Barcellos o imóvel foi comprado pela empresária Fernanda Krause, para instalações da Casa Krause, quando foram efetuadas reformas significativas, inclusive no seu exterior, agregando uma linguagem contemporânea no espaço do antigo alpendre, o qual estabelece um interessante diálogo entre o novo e o velho, assim como outras intervenções nos espaços internos. Atualmente, sede do GRUPO JW , demonstra sua capacidade de adaptabilidade a novos usos de um imóvel projetado ainda no princípio do século XX.

Mesmo de origem e formação diversa, observa-se na obra de Henrique Tobal (Casa Domingos Gomes) e do arquiteto Manoel Figueiró, (Casa Nepomuceno Saraiva), fortes identidades em relação à implantação ,em parte no alinhamento deslocando-se pra outras direções do lote. O uso do cimento penteado é um distanciamento da estética do ecletismo historicista para o ecletismo simplificado, o qual já quase não utiliza adornos clássicos.

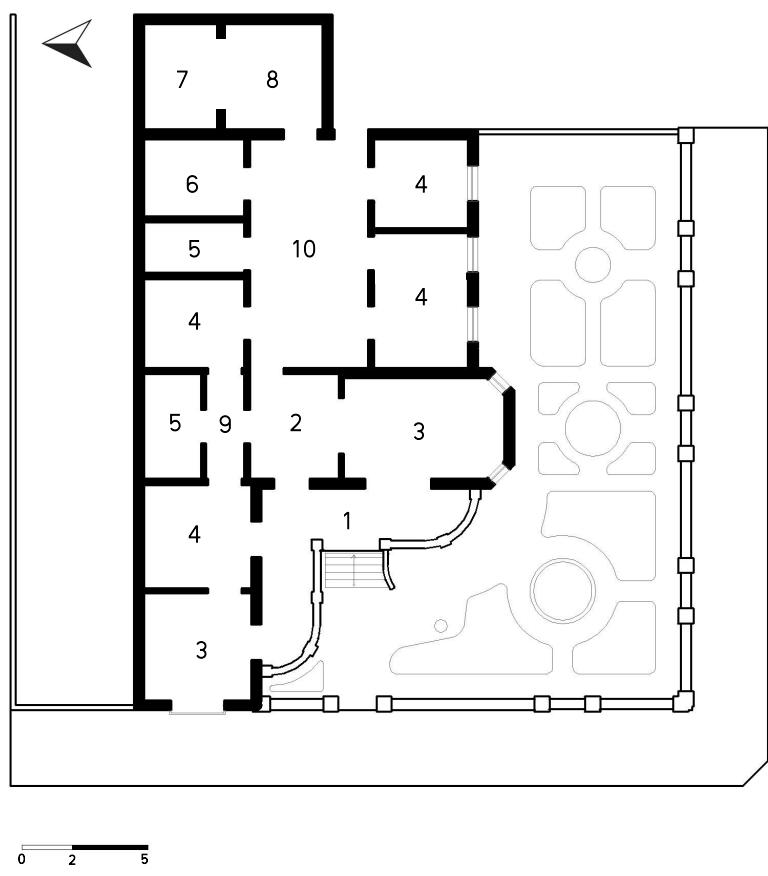


Casa Nepomuceno Saraiva em diferentes épocas. Destaca-se as mudanças ocorridas no alpendre, demonstrando a adaptabilidade da construção.





CASA NEPOMUCENO SARAIVA



Desenho: planta baixa original adaptada pelos autores. Fachada: Sandro Martinez Conceição

7 CASA DOMINGOS GOMES

Av. Sete de Setembro, 1243 - Centro

Ano de Construção: 1920

Arquiteto: Henrique Tobal

1º proprietário: Domingos Gomes

Proprietário Atual: Sucessão Joaquim Pedro P. Gaffrée



Domingos Gomes

Domingos Gomes era pecuarista residente em Bagé, filho de José e Auta Gomes. Seu irmão, José Gomes Filho, foi destacado comerciante e filantropo. Do casamento com Alzira Fróes Gomes, Domingos deixou larga descendência.

Histórico

Esta residência foi mandada construir em 1920 pelo pecuarista Domingos Gomes, para o casamento de sua filha, Dalila Gomes, com o pelotense José Cândido Siqueira. Após, a casa foi vendida para Antônio Leal de Macedo, para servir de residência para a sua família. Em 1973, a família vendeu a casa para Joaquim Pedro Gaffrée (FAGUNDES, 2012). Atualmente, é propriedade de seus herdeiros e abriga uma clínica médica.

Arquitetura

O volume desenvolve-se a partir do alinhamento, em porção oeste, seguindo em trecho norte e oeste, intercalado pelo acesso na diagonal. Este procedimento de implantação - de descolamento do volume a partir do alinhamento, com recuo lateral em direção à profundidade do lote - é usual na arquitetura desenvolvida por Henrique Tobal, observado em outros exemplares posteriores, do mesmo arquiteto.

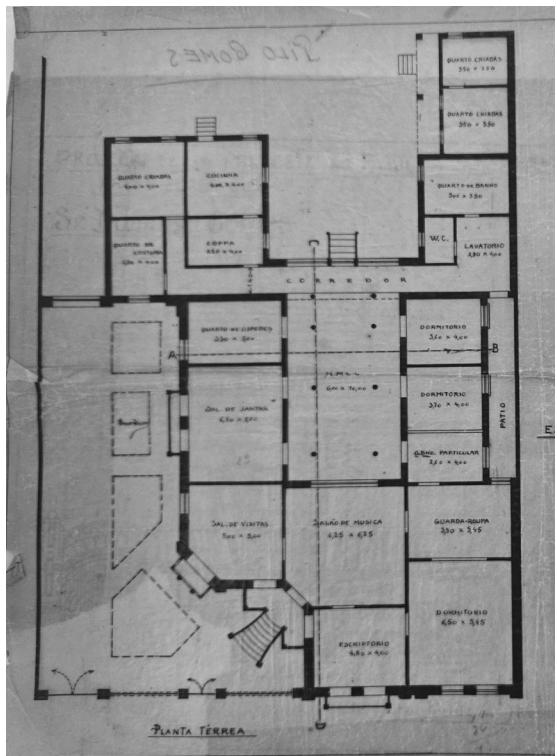
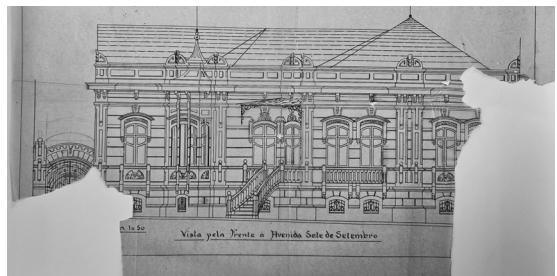
A escada externa, lançada a partir do alinhamento, em linha diagonal, atinge o pavimento térreo elevado e culmina em alpendre com estrutura em ferro e vidro em forma de leque, o qual abriga um conjunto de três portas de acesso.

O exemplar pode ser inserido já no momento de um *ecletismo simplificado*, no qual o autor utiliza elementos decorativos geométricos, *balaustradas* e *rusticação*, porém com profusão de elementos decorativos aplicados estratégicamente nas fachadas externas. Utiliza paredes com cimento penteado, o mesmo aplicado em outros exemplares da época, em paredes

com aberturas verticalizadas, *frisos*, *molduras*, sacadas com *balaústres* e *gradis* de ferro batido.

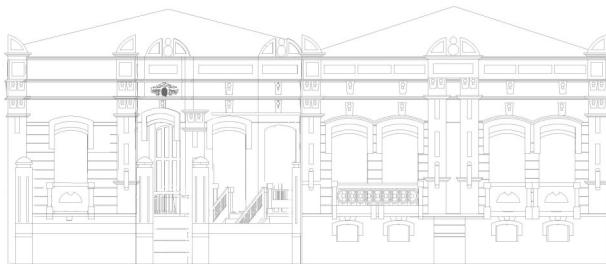
Confirmindo a construção da planta original da casa, observada por Vera de Macedo, neta do 2º proprietário do imóvel- Antônio Leal de Macedo- na qual residiu com os pais e irmãos, vê-se que foram realizadas algumas adaptações para as funções e consultórios da clínica médica, a partir dos anos 1970. Contudo, ao conjunto de compartimentos amplos do primeiro momento, a partir do acesso, segue-se subdivisão através de porta em folhas sanfonadas em madeira e vidros *bisotê*, demarcando a transição para um átrio monumental, como elemento articulador de todos os demais compartimentos. Esse amplo espaço, encimado por *claraboia* em ferro batido e vidro, apresenta execução diferente do projeto original, que previa 8 colunas de sustentação da claraboia. O projeto executado conta com apenas 2 colunas de capitel jônico e fuste canelado, vinculadas ao referencial compositivo do classicismo.

Na atualidade, o exemplar secular adapta-se adequadamente às instalações contemporâneas da clínica, a qual destaca-se pela medicina de excelência, em um “invólucro” secular que se mantém imponente na paisagem urbana da Avenida 7 de Setembro e no imaginário do cidadão bajeense.

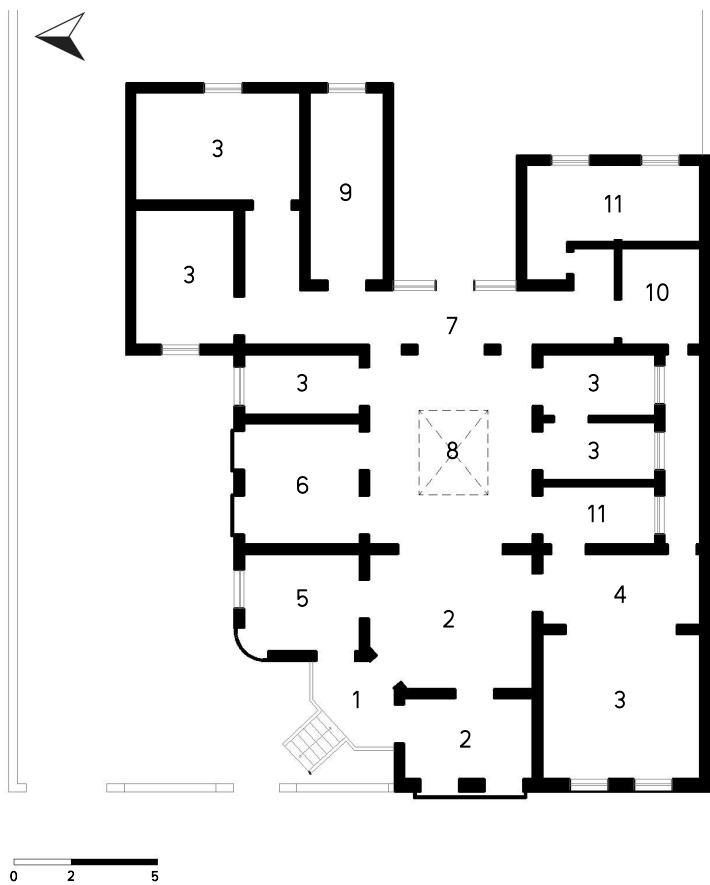


Fachada e planta baixa original da Casa Domingos Gomes.
Acervo Museu Dom Diogo de Souza.





CASA DOMINGOS GOMES



Desenho dos autores

- 1—Alpendre
- 2—Sala
- 3—Dormitório
- 4—Quarto de vestir
- 5—Escritório
- 6—Sala de jantar
- 7—Circulação
- 8—Átrio
- 9—Cozinha
- 10—Despensa
- 11—Banheiro

8 CASA MANOEL ALVES SARMENTO

Av. Sete de Setembro, 1063 - Centro

Ano de Construção: 1936

Arquiteto: Aydos & Cia.

1º proprietário: Manoel Alves Sarmento

Proprietário Atual: Manuel Luís e Maria de Lourdes Sarmento



Histórico

Manoel Alves Sarmento

(1877-1951)

Manoel Alves Sarmento foi destacado e premiado pecuarista bajeense. Filho de Belisário e Maria Ignaz Sarmento, casou-se, em 1898, com Percília Farinha Sá. Participou ativamente da vida social de Bagé, presidindo a Associação Rural e o Clube Comercial. Possuía residência em Montevidéu (Uruguai), cidade onde faleceu, aos 74 anos.

Esta casa foi construída em 1936, para servir de residência à família de Manoel Alves Sarmento. O proprietário residia em outro imóvel, no mesmo quarteirão, para o qual retornou alguns anos após a conclusão desta casa, deixando-a para seus descendentes. Atualmente, a permanece na família e passa por restauro e reforma de autoria da arquiteta Fabiana Fagundes, do escritório Coletivo Arquitetos. A execução da obra é responsabilidade da Construtora Brandolt Breanzini.

Arquitetura

Pecuarista e veterinário, profissional de vanguarda à época, Manoel Sarmento opta, na década de 1930, por assumir anseios de modernização ao trocar um exemplar eclético no qual residia por uma proposta avançada para época, um projeto que traduz seus anseios de inovação, os quais já eram visualizados, ou seja, uma tendência de renovação estética que se delineava no Rio Grande do Sul.

Projeto da Aydos & Cia, com execução da Azevedo, Bastian & Castilhos, e conforme Günter Weimer, pela semelhança com outro projeto do mesmo ano, pode ser atribuído à Franz Filsinger, um arquiteto que projetava para esta empresa, sem contudo constar a autoria. O CREA, que começaria a atuar em 1933, ainda impedia a alguns profissionais estrangeiros, o reconhecimento oficial da autoria dos projetos.

Têm-se uma articulação a partir do alinhamento predial, seguindo a partir das linhas laterais recuadas até a parte posterior do lote, em avanços e recuos dos dois pavimentos, com curvas nas arestas do volume lançado levemente acima do nível do terreno, com escadaria frontal culminando em porta de dimensões avantajadas, ladeada por "meio cilindros" que sugerem

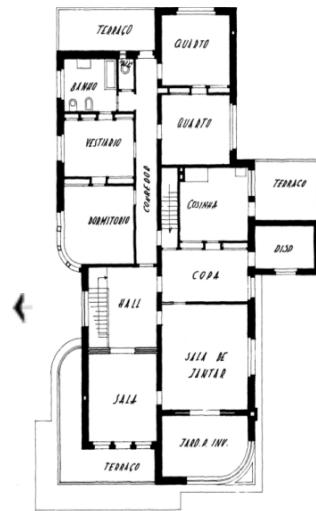
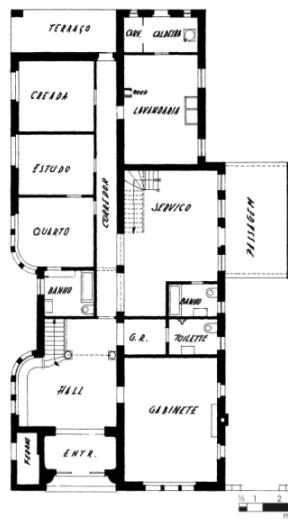
na fachada frontal colunas "adossadas".

Como estratégias compostivas, têm-se "planta não acadêmica, sem critério de axialidade, em polígono único, com pequenas adições e subtrações; subtração frontal no térreo para acesso x terraço pavimento superior" (GONÇALVES, 2006, p.119). O lançamento dos compartimentos em planta, divide-se entre o setor de acesso, social, gabinete e de serviço, no pavimento inferior e setor social de convivência e íntimo no pavimento superior.

A estrutura em concreto armado com laje em grelha nos dois pavimentos, apresenta cobertura em terraço, com revestimento cerâmico, acessado por escada externa, aos fundos, recurso já utilizado na sua residência anterior e em parte da sua casa na fazenda Santa Inês, em *sotelaia* em setor frontal, visando visualização da paisagem rural.

Conforme Gonçalves (2006), a composição tripartida na vertical, com *base* em pedra, que segue em toda a testada do lote, *corpo* em elementos de arquitetura com janelas verticalizadas aparecem em grupos, definindo horizontalidade através da caixilharia em hastes e *coroamento* em *platibandas* sem ornamentos.

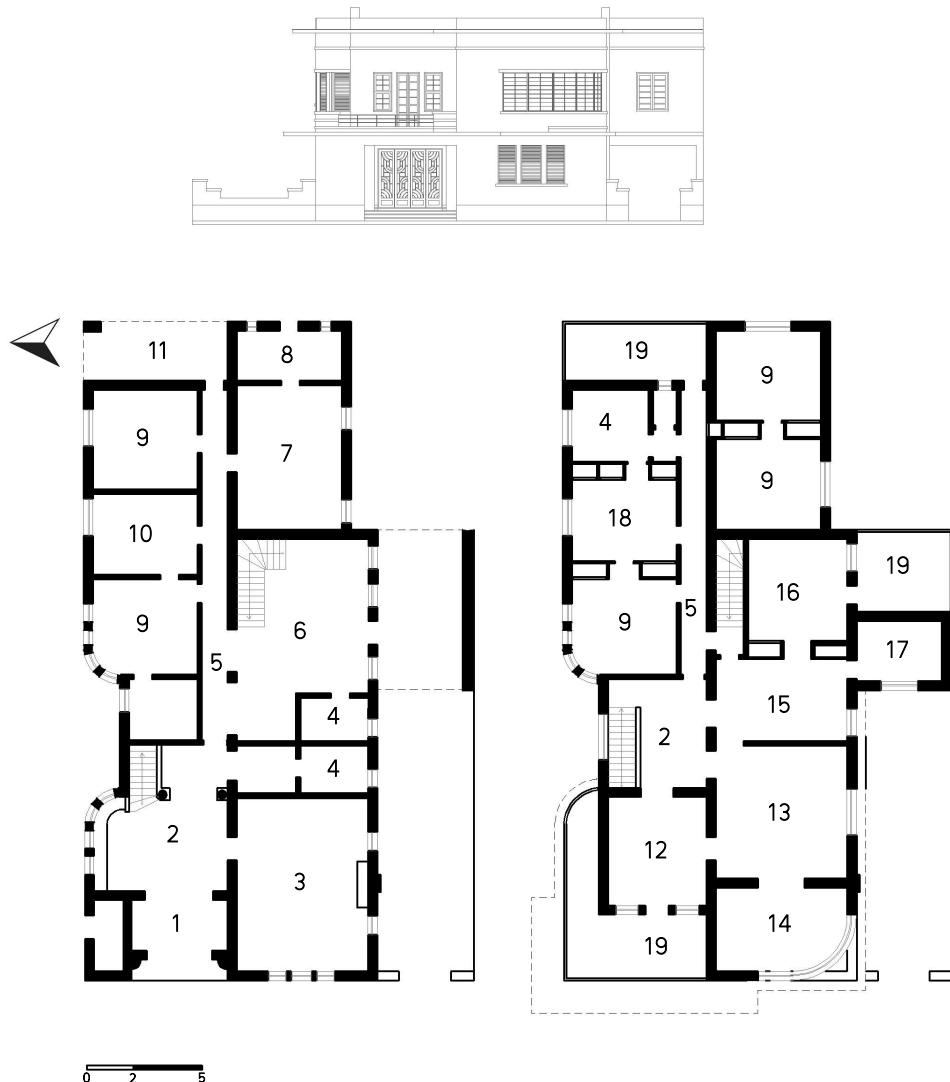
Conclui-se que as características estéticas presentes, assim como os detalhes construtivos modernizantes, colocam a Casa Manoel Alves Sarmento como um exemplar que, certamente, deva ter influenciado as manifestações estéticas posteriores.



Fachada e planta baixa originais da Casa Manoel Alves Sarmento. Abaixo, a residência e seu entorno, com destaque para o Clube Comercial.



CASA MANOEL ALVES SARMENTO



Desenho dos autores a partir do original

9 CASA JOSÉ CARRION MOGLIA

Rua Flores da Cunha, 121 - Centro

Ano de Construção: 1947

Arquiteto: Eng. Carlos Moreira

1º proprietário: José Carrion Moglia

Proprietário Atual: Gilberto e Keila Freitas



José Carrion Moglia

(1893-1964)

José Carrion Moglia foi empresário e político. Em 1913, partiu para Hamburgo, na Alemanha, onde estudou Comércio. Após sua formação, trabalhou na Itália, retornando ao Brasil em 1916. Foi atuante na vida social de Bagé, presidindo o Clube Comercial, a Associação Rural, o Cine-hotel Consórcio e o Rotary Club de Bagé, além de ser presidente honorário do Guarany Futebol Clube. Em 1947, foi eleito vereador e chegou à presidência da Câmara Municipal (FAGUNDES, 2012).

Histórico

O projeto desta residência foi solicitado por José Carrion Moglia, em 1947, ao engenheiro Carlos Moreira, com execução da firma José Maria de Carvalho, de Porto Alegre. O filho de José Moglia, Mário Tavares Moglia, residiu na casa com sua esposa, Yerecê Belmonte Moglia. Cecê, como era conhecida, teve importante papel na vida social da cidade, principalmente por sua atuação na recuperação do Centro Histórico Vila de Santa Thereza. Com o falecimento de Cecê, a casa foi vendida a Gilberto e Keila de Freitas, que conservaram as características originais do imóvel.

Arquitetura

Terreno em localização particular, em lote frontal ao início da Avenida Marechal Floriano, via que apresenta palmeiras em canteiro central que confundem-se com o eixo frontal de composição, do exemplar. Este sítio garante ampla visualização do imóvel, principalmente a partir desta via, no sentido norte-sul, perpendicular ao lote.

Tem-se uma inserção urbana contrastante com o restante do quarteirão, ainda com imóveis lançados no alinhamento predial, o que reforça o aspecto inovador da proposta.

Segundo Gonçalves (2006), a composição em polígono único apresenta-se com pequenas adições e subtrações, conforme hierarquia dos

compartimentos. Pode-se observar circulação diluída em sucessão de espaços, em planta não acadêmica e não axial, enquadrando-se dentro de tipologias que apresentam duas alas de compartimentação.

Ainda Gonçalves (2006), afirma que nas estratégias compostivas de volume e fachada, "o autor compensa a assimetria de fachada pelo lançamento do acesso principal da casa – fortemente demarcado por *arquivoltas* e encimado por frontão triangular, coincidindo axialmente com a linha central da dita avenida".

Como estratégias compostivas de volume, observa-se forte verticalidade no acesso, que contrasta com a subtração para o terraço superior, alongado na horizontal.

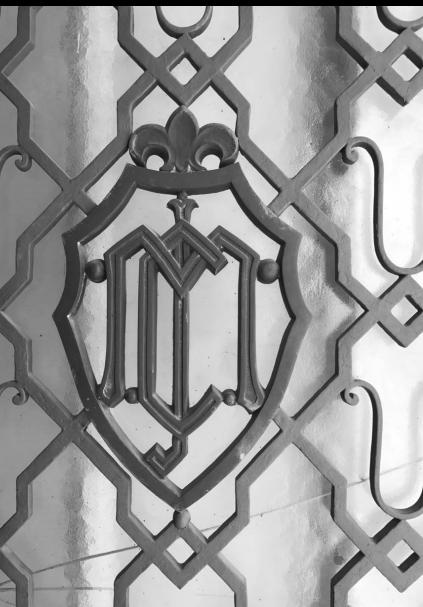
Embora deva-se atribuir à composição uma interpretação neogótica, na tendência estética dos revivals, observada nos anos 1940 em Porto Alegre, internamente apresenta elementos de arquitetura com inspirações clássicas, distribuídas nos seus compartimentos principais.

Destaca-se o jardim de inverno frontal, contíguo à sala de estar que abrigava um piano de meia cauda, utilizado por Yerecê Moglia.

O exemplar, além de uma visível estética inovadora para a época, já em momento de negação do ecletismo e com o revestimento em cimento penteado, destaca-se de forma contrastante com seu entorno imediato pela estética, pela volumetria e por implantar-se em um momento particular no traçado xadrez urbano de Bagé, exatamente no encontro da Avenida Marechal Floriano com a Rua Flores da Cunha, criando experiência contemplativa única que evoca a memória coletiva do cidadão.

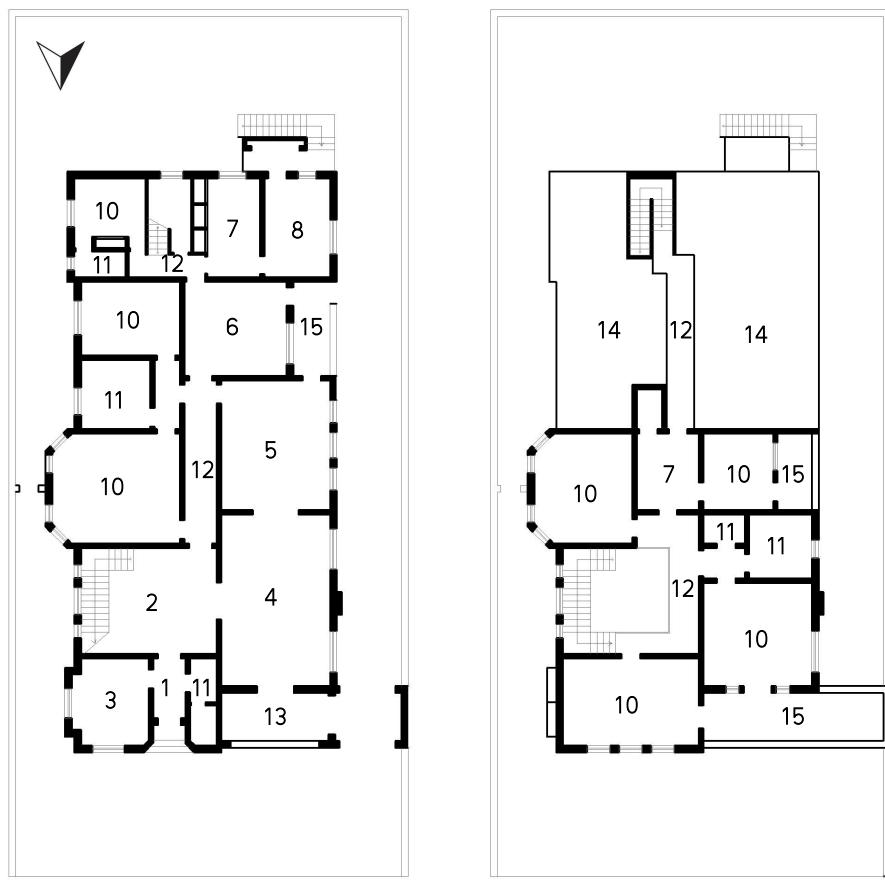


1) Detalhes da fachada da Casa José Carrion Moglia; 2) Aspecto da Avenida Marechal Floriano, com a casa ao fundo; 3) Yerecê Moglia junto ao piano, na sala da residência.





CASA JOSÉ CARRION MOGLIA



0 2 5

Desenho dos autores a partir do original

- 1—Vestíbulo
- 2—Hall
- 3—Escritório
- 4—Sala
- 5—Sala de jantar
- 6—Comedor
- 7—Copa
- 8—Cozinha
- 9—Serviço
- 10—Dormitório
- 11—Banheiro
- 12—Circulação
- 13—Pórtico
- 14—Telhado
- 15—Varanda

Considerações Finais

O lugar: Entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, Bagé consolidou-se como um polo regional de relevância, tanto no plano político, quanto cultural e econômico, tornando-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma arquitetura residencial de alta qualidade formal e técnica. É neste contexto que se insere o presente trabalho, que se propôs a uma leitura do patrimônio arquitetônico bajeense a partir da análise de nove residências da cidade.

O sítio: A partir dos primórdios de ocupação da cidade, em sítio praticamente plano e traçado xadrez, compõe-se um 1º traçado urbano que inicia na Praça da Catedral, com ruas estreitas e, posteriormente, um 2º traçado, com ruas largas que partem da Catedral rumo ao norte, em direção a Praça Silveira Martins. É nesse segundo momento que visualizam-se avenidas com quarteirões alongados e lotes de forma regular. Esse fator determina uma identidade do município através de um conjunto de prédios ecléticos, no qual situam-se as casas estudadas, estabelecendo uma relação indissociável entre o traçado e essas arquiteturas.

A economia: O apogeu econômico deste período foi decisivo para a configuração da paisagem arquitetônica local. A pujança da pecuária e o fortalecimento de uma elite urbana proprietária de terras, propiciou o surgimento de uma arquitetura residencial sofisticada, financiada por setores sociais que viam na edificação de suas casas não apenas uma necessidade funcional, mas sobretudo uma afirmação de prestígio e poder. Neste sentido, a arquitetura atuou como linguagem de distinção, permitindo à elite bajeense inscrever-se nos discursos de modernidade e progresso.

O cliente: Os proprietários dessas casas eram, em sua maioria, médicos, políticos e estancieiros — ou mesmo indivíduos que reuniam essas três posições sociais —, o que evidencia o entrelaçamento entre cultura lettrada, capital econômico e influência política. Cada uma das casas estudadas reflete, portanto, não apenas o gosto de seus proprietários, mas também os valores e ambições de uma elite local que se projetava sobre o espaço urbano.

O profissional: A realização dessas obras esteve nas mãos de arquitetos e construtores que trouxeram consigo repertórios diversos. Inicialmente, destacam-se os profissionais estrangeiros — sobretudo italianos — que imprimiram referências do *ecletismo* às residências locais. Com o tempo,

observa-se a chegada de engenheiros e arquitetos formados na capital do Estado, que introduziram inovações construtivas e novos sistemas tecnológicos, marcando uma transição paulatina no fazer arquitetônico e sinalizando a modernização dos métodos projetuais.

A Arquitetura: A arquitetura resultante no período que compreende esse trabalho tem a predominância do *ecletismo*, mas com incursões em linguagens posteriores como o neogótico e até mesmo manifestações iniciais de modernidade. Essa diversidade não configura uma ruptura, mas uma continuidade transformada, que permite perceber as articulações entre tradição e inovação, repertórios locais e tendências nacionais. As casas analisadas tornam-se, assim, testemunhos materiais das transformações culturais e técnicas do período.

A Casa Bajeense: As nove casas que apresentamos são, em última instância, produto de todos esses condicionantes: território, economia, agentes sociais e técnicos, linguagens arquitetônicas e processos históricos. Tratam-se de um patrimônio que exige ser reconhecido, valorizado e preservado. A conscientização do bajeense em confirmar esta configuração secular embasa, valoriza e proporciona um diálogo entre o exemplar, o entorno imediato e a cidade. O interesse pela preservação desse patrimônio – edificações e traçados – se fortalece pela inserção desses elementos no imaginário coletivo do cidadão. É como se a nova cidade reservasse um olhar respeitoso para o centro histórico, compreendido em seu valor cultural, que se impõe como memória, referência e herança a ser protegida.

Glossário

Alpendre

Cobertura sobre a entrada principal de um edifício, sustentada por colunas ou pilares.

Átrio

Espaço interno, geralmente central e coberto por claraboia. Em edificações ecléticas, serve como área de recepção e circulação.

Arquivolta

Sucessão de molduras em arco que contorna a parte superior de uma porta ou janela.

Art Déco

Estilo arquitetônico e decorativo surgido nas décadas de 1920 e 1930, caracterizado por formas geométricas, linhas verticais e uso de materiais industriais.

Art Nouveau

Estilo surgido no final do século XIX, caracterizado por formas orgânicas, linhas curvas e motivos inspirados na natureza. Algumas obras ecléticas incorporam elementos desse estilo em gradis, vitrais e ornamentos.

Balaústre

Pequena coluna decorativa e de apoio, usada em escadas, varandas e sacadas. O conjunto de balaústres forma uma balaustrada.

Base

Parte inferior da fachada, geralmente composta por embasamento elevado, porões ou revestimentos texturizados como a rusticação.

Bay-window (Janela Avançada)

Projeção envidraçada que avança para fora da fachada, formando um pequeno espaço interno saliente. .

Capitel

Parte superior decorada de uma coluna ou pilastra. No Ecletismo, podem ser usados estilos clássicos como o dórico, jônico ou coríntio, adaptados livremente.

Cimalha

Moldura saliente situada no topo de fachadas ou muros, acima da cornija.

Cimento Penteado

Técnica de acabamento aplicada no revestimento externo, criando ranhuras com efeito decorativo. Muito usada em fachadas.

Claraboia

Abertura envidraçada na cobertura para entrada de luz natural, geralmente localizada sobre átrios ou escadarias internas.

Compoteira

Ornamento em forma de vaso ou taça, usado no coroamento de fachadas, platibandas e frontões.

Cornija

Faixa horizontal saliente que divide visualmente os andares ou arremata a parte superior da fachada, muitas vezes compondo o coroamento.

Corpo

Seção intermediária da fachada, onde se encontram janelas, portas, pilastras e varandas. Ocupa a maior parte da composição da fachada eclética.

Coroamento

Parte superior da fachada, composta por elementos como platibandas, cornijas, cimalhas, frontões e outros ornamentos que encerram visualmente a edificação.

Cunhal

Elemento que reforça ou decora os cantos de edifícios. Geralmente são destacados com pedras ou molduras em relevo.

Ecletismo Historicista

Vertente do Ecletismo que busca inspiração direta em estilos arquitetônicos do passado, como o neoclássico, neogótico ou neorrenascentista. Valoriza a citação e reprodução detalhada de linguagens históricas.

Ecletismo Simplificado

Fase posterior do Ecletismo, marcada pela redução do ornamento, pela valorização de linhas mais sóbrias e pela combinação de elementos tradicionais com técnicas construtivas modernas.

Escaiola

Técnica de pintura que imita mármore ou outros materiais nobres. Muito usada em interiores ecléticos para decorar paredes e colunas.

Estuque

Revestimento decorativo feito com gesso, cal e areia. Utilizado para criar relevos, molduras e ornamentos em tetos e paredes.

Friso

Faixa horizontal entre a arquitrave e a cornija, geralmente decorada com relevos ou motivos florais. Comum no entablamento das fachadas ecléticas.

Frontão

Elemento em forma de triângulo ou arco, usado sobre portas, janelas ou no topo da fachada.

Fuste

Parte vertical da coluna entre a base e o capitel. Pode ser liso ou estriado. Sua forma varia conforme a ordem clássica utilizada.

Gradil

Estrutura usada em sacadas, escadas ou muros para proteção e decoração. Geralmente, possui desenhos ornamentais como arabescos e curvas.

Guirlanda

Motivo decorativo em forma de laço ou ramalhete, frequentemente aplicado em frisos, tímpanos ou painéis. Inspirado na ornamentação clássica.

Mísula (Cachorro)

Peça fixada à parede para sustentar sacadas, esculturas ou cornijas.

Óculo (Gateira)

Abertura usada para ventilação ou iluminação em porões altos ou fachadas superiores. Pode ter molduras e vitrais.

Pilar

Suporte vertical com função estrutural. Em edifícios ecléticos, pode ser ornamentado para compor a linguagem decorativa da construção.

Pilastra

Elemento vertical, aderido à parede, com função decorativa. Imitam colunas e seguem as ordens clássicas no Ecletismo.

Umbrais

Molduras que contornam portas e janelas, podendo ser em pedra, estuque ou madeira. No Ecletismo, são frequentemente ornamentadas.

Pináculo

Elemento vertical, geralmente em forma de pequena torre ou flecha. Usado como arremate em frontões ou platibandas.

Voluta

Ornamento em espiral presente nos capitéis jônicos, consoles e relevos. Símbolo do classicismo reinterpretado no Ecletismo.

Platibanda

Muro baixo que oculta o telhado. Muito utilizada em fachadas ecléticas para compor linhas horizontais e receber ornamentação.

Porta com Bandeira

Porta encimada por um painel envidraçado fixo. Comum em entradas de residências, frequentemente com vitrais artísticos.

Rusticação

Acabamento texturizado aplicado em paredes, especialmente no pavimento térreo, para dar sensação de robustez.

Referências

- ALVES, Adriane Luiz. A descaracterização dos centros históricos segundo a percepção do morador: o caso de Bagé-RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p.199. 2016.
- COSTA, Alfredo R. da. O Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, v. 2, 1922.
- FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. Inventário Cultura de Bagé: um passeio pela história. Porto Alegre: Praça da Matriz/ Evangraf, 2012.
- GONÇALVES, José Otávio Neto; GARCIA, Élida Hernandes. Associação e Sindicato Rural de Bagé: 100 anos. Associação Rural, 2004.
- GONÇALVES, Magali Nocchi Collares. Arquitetura Bajeense: o delinear da modernidade (1930-1970). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 255. 2006.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira – 1867-1918. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- KOCH, Wilfried. Dicionário dos Estilos Arquitetônicos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEMIESZEK, Cláudio de Leão; GARCIA, Élida Hernandes. Primazias de Bagé: um guia incompleto. Bagé: Editora Praça da Matriz, 2020.
- _____. Notícias da Revolução de 1923 em Bagé: a capital da paz. Bagé: Praça da Matriz, 2005.
- LOPES, Mário Nogueira. Bagé – Fatos e personalidades. Porto Alegre: Evangraf Editora, 2007.
- _____. Personalidades de um século em Bagé. Volume II. Bagé: Da Maya Espaço Cultural, 2014.
- MORGADO, Heloísa Beckman. Henrique Tobal: um gênio espanhol em Bagé. Bagé: Sociedade Espanhola, 2021.
- REIS, Jorge. Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé. Bagé, 1911.
- RHODEN, Luiz Fernando. Urbanismo no Rio Grande do Sul: origens e evolução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- RODRIGUES, Eduardo Contreiras. Alocução proferida pelo professor Dr. Eduardo Contreiras Rodrigues, no dia 20 de junho de 1981, por ocasião da festa antonina da escola, quando a área de recreação foi apresentada ao público, devidamente restaurada. Bagé, 1981.
- ROTERMUND, Harry. História de Bagé do século passado. Bagé: Academia Bajeense de Letras, 1981.
- SALIS, Eurico Jacinto. História de Bagé. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1955.
- TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. Bagé de ontem e de hoje: coletânea de artigos publicados na imprensa (1939-1994), Elida Hernandes Garcia, coordenadora. Bagé: Ediurcamp, 2015.
- _____. A Igreja de São Sebastião de Bagé. Porto Alegre: Editora Emma, 1975.
- WEIMER, Günter. A Arquitetura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992

Os autores

Magali Nocchi Collares Gonçalves

Formação

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980).

Mestre e Doutora em Teoria História e Crítica da Arquitetura pelo PROPAR UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006/2017).

Especialista em Artes Visuais pela URCAMP - Universidade da Região da Campanha (1995).

Atividade profissional específica

Titular do Escritório Ático - Arquitetura, Interiores e Paisagismo.

Docente do Curso de Arquitetura Urbanismo Centro Universitário URCAMP desde 1990

Autora de projeto de restauro e Intervenção do Centro Administrativo de Bagé .2006. Obra concluída 2008

Autora de projeto de restauro e intervenção da Prefeitura Municipal de Bagé. 2006. Obra concluída 2008

Autora de projeto de restauro e intervenção do Centro Cultural Usina Velha-Candiota. 2012. Obra concluída em 2014.

Participação no Inventário dos Principais Bens Culturais Imóveis de Bagé. URCAMP (2008/2009)

Participação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Hulha Negra/RS. URCAMP (2016/2017)

Participação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Candiota/RS. URCAMP (2016/2017)

Maria de Fátima Schmidt Barbosa

Formação

Graduação em Arquitetura na Faculdade Ritter dos Reis'- UNIRITTER- Porto Alegre -RS (1982)

Especialização Lato Sensu em Artes Visuais. URCAMP (1997)

Atividade profissional específica

Docente do Curso de Arquitetura Urbanismo da URCAMP (1990/2020)

Coautora do projeto de revitalização Parque da Hidráulica - Bagé (2007)

Membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Ambiental de Bagé - COMPREB

Participação no Inventário dos Principais Bens Culturais Imóveis de Bagé. URCAMP (2008/2009)

Participação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Hulha Negra/RS. URCAMP (2016/2017)

Participação no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Candiota/RS. URCAMP (2016/2017)

Luiz Miguel Saes Moraes

Estudou Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente, é acadêmico do Curso de

Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Região da Campanha—Urcamp.

Desenvolve trabalhos voltados à história da arquitetura e patrimônio cultural.

Conheça as maquetes virtuais 3D das Casas Bajeenses

1 Casa Albert Guidoux



2 Casa Contreiras Rodrigues



3 Casa Luiz Mércio Teixeira



4 Palacete Pedro Osório



5 Casa José Octávio Gonçalves



6 Casa Nepomuceno Saraiva



7 Casa Domingos Gomes



8 Casa Manoel Alves Sarmento



9 Casa José Carrion Moglia



"A Casa Bajeense: Um caminho pela história da arquitetura, é mais do que uma contribuição acadêmica, é um marco do compromisso coletivo entre docentes e discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP. Patrocinado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo - CAU/RS, o livro apresenta a valorização da educação e do patrimônio cultural, promovendo uma reflexão sobre a preservação arquitetônica e reafirmando o papel da formação acadêmica na construção de uma sociedade, sendo um impulso para a conscientização coletiva a respeito da sensibilização patrimonial. Através do ensino, da pesquisa e da extensão, esta obra resgata memórias e inspira novos olhares sobre a arquitetura".

Fernanda Vieira Barasuol

Coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo—Urcamp

"A morada é do proprietário, sua beleza é coletiva, nos avisa o pensador francês Victor Hugo. E nós te avisamos: a suntuosidade dos frontões, a graça harmoniosa dos detalhes, recortes e adornos desses casarões de Bagé, são teus! Eles marcam o cenário cotidiano, onde teus passos e teu olhar caminham. Fazem parte da história e de tua história e explicam, com seus mantos de pedra e cal, como Bagé se faz Rainha todos os dias. Preservar esses silenciosos e belos casarões é preservar nossa identidade de habitante da beleza arquitetônica incomum de nossa Bagé".

Elvira de Macedo Nascimento

"A *Casa Bajeense* é resultado das transformações econômicas e sociais de Bagé e reflexo das mudanças do próprio fazer arquitetônico ao longo do tempo, em suas linguagens, técnicas e materiais. Desta forma, esta edição propõe *um caminho pela história da arquitetura*, através de nove casas significativas que contribuem para formar um panorama mais amplo da arquitetura local.

Esperamos que *A Casa Bajeense* seja mais do que uma compilação de dados ou um catálogo de casas antigas, e sim uma ferramenta de educação patrimonial, um convite à valorização do nosso legado arquitetônico traduzido em fachadas, desenhos e plantas que revelam nossa identidade e nossas formas de habitar no tempo".

Os autores

Realização:



Patrocínio:



ISBN: 978-65-86471-50-2



9 786586 471502